

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL
N.º 4 | JANEIRO 2023



EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

PER FICTA, RESISTERE

6 MARIA
DA GRAÇA
Alexandra Ferreira

10 O
PASTOR
Carla Carmona

14 SILVADOS
EM FLOR
Lúcia Mendes

18 CHAMADA
PARA A PAZ
Manuela Vieira

20 MISSANGANDO
Marisa Rocha

24 NÃO
DEMORO
Patrícia Lameida

DA PALAVRA À FORÇA

68 (NEM) TUDO
NA VIDA TEM UM PREÇO
Júlia Domingues

70 PAZ
Margarida Constantino

72 ENCONTRE
O SEU EQUILÍBRIO
Maria Inês Cabral

LÍNGUA MÁTRIA

76 QUAL É A ORIGEM
DE ESCOLA
Marco Neves

LUSOFONIAS

80 O SOLDADO NA
TRINCHEIRA PENSA NA PAZ
João Melo

BESTIÁRIO ARDILOSO

84 EM
AJEB
Porventura Correia

LETRA MIUDINHA

26 O ATAQUE
AO SR. DICIONÁRIO
Alexandra Duarte

30 SOLDADINHOS
DE PAPEL
Nuno Gonçalves

SALTANDO DO PARÊNTESIS

56 SOMOS
(IN)SUBSTITUÍVEIS
Amélia Queiróz

58 OH, PÁ,
RIAM-SE
Ana Costa

62 DESDE 1894, EUCALIPTO,
ESPECIARIAS, LARANJA E
LAVANDA
Inês Pinto

64 ESTE ANO JÁ APANHAMOS
OS DIÓSPHROS
Maria Bruno Esteves

66 SOB OS ESCOMBROS
DA GUERRA
Ondina Gaspar

GAVETA CRIATIVA

74 O ESCRITOR
COMO PROTAGONISTA
David Roque

CRÓNICA DO VIAJANTE

78 PASSEANDO COM ISAAC
BABEL EM ODESSA
João Ventura

PALAVRA DE LEITOR

82 UMA
EDUCAÇÃO
Helena Ventura

SENTENTIA

86 ESCRIVER
É O OPOSTO DE TER PAZ
Lénia Rufino

88 DICAS NADA RESOLVEM
É A DICA DE HOJE
James McSill

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

6 ANA CRISTINA SILVA

RESISTENTIA POÉTICA

34 OPERAÇÃO
POÉTICA ESPECIAL
Cobramor

36 PAZ
Ana Ribeiro

37 PAZ,
PELA VIDA
Ana Silva

38 ARIDEZ
Analita Alves dos Santos

39 EMBONDEIRO
Carlos Luis

40 A PAZ
TRAVESTIDA
Carlos Rodrigues

42 CAI NEVE
EM BAKHMUT
Carmo Marques

43 OS SOCALCOS
DA PAIXÃO
Cidália Santos

44 A GAVETA
DOS EFÊMEROS
Cláudia Passarinho

45 LIBERDADE
Daniela Rosa

46 PROCURO-TE
Isaura Correia

48 AISHA
José Mendes

50 FINDING
NEVERLAND
Margarida Correia

51 SE EU
FOSSE PEDRA
Maria Celeste Pereira

52 UM RETIRO
DE PAZ
Maria Luísa Francisco

53 TEMPO
Maria Silvéria

54 ATÉ
QUANDO
Teresa Dangerfield

A BIBLIOTERAPEUTA SUGERE

90 UM CAMINHO
PARA A PAZ
Sandra Barão Nobre

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, Carmo Marques, David Roque e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com | Estatuto editorial | ©2023 Revista Palavar | Todos os direitos reservados. Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

A PAZ

Analita Alves dos Santos

A escolha do tema «A Paz» para esta 4.^a edição da PALAVRAR revelou-se providencial.

A humanidade sempre ambicionou a paz. Com a Europa a servir de palco de guerra percebemos, melhor do que nunca, a sua importância. Todos os dias os conflitos na Ucrânia entram na nossa casa e afligem-nos, roubam-nos o sono.

Lamentavelmente, existem tantos outros cenários de guerra sem esta atenção mediática. Mas mesmo sem os holofotes dos *media*, a ausência de paz marca vidas, fere sonhos, castra o futuro de milhares, ano após ano. O sofrimento não necessita de espetadores para existir.

De acordo com um artigo de março de 2022 da BBC News, existem sete conflitos sangrentos a manchar a paz mundial na atualidade: no Iêmen, na Etiópia, em Mianmar, no Haiti, na Síria, no Afeganistão e a tentativa dos grupos *jihajistas* de dominar diversas regiões de diferentes países — como Mali, Niger, Burkina Faso, Somália, Congo e Moçambique.

Muitos destes conflitos não dão sinais de acabar em breve.

A ausência de paz não é só provocada por tensões políticas, governamentais, territoriais ou étnicas. Devagar, no silêncio das paredes, consumindo mente e corpo, os transtornos mentais provocam baixas, roubam a paz de quem padece deste mal.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, em 2019 quase 1 bilhão de pessoas viviam com transtorno mental, sendo 14% adolescentes.

Toda a paz é essencial, determinante, para que possamos florescer enquanto indivíduos, enquanto

sociedade. Quer seja a paz que a guerra rouba, ou a paz que a ansiedade ou a depressão subtrai. Que estas páginas representem para si momentos de tranquilidade. A leitura é um refúgio de paz.

Diana Almeida

A explosão de um conflito armado no coração da Europa feriu cada um dos seus habitantes: pelo medo e insegurança, pelas memórias e histórias herdadas e que se tornaram vivas. As nossas almas estão em sobressalto e a PALAVRAR ofereceu, neste quarto número, as suas páginas para que nelas tudo isto se possa espelhar.

Assim, o nosso mote é «A Paz».

Como em números anteriores, o mote escolhido é revelador, sem, contudo, pretender vergar a criatividade dos escritores que aqui apresentamos. No entanto, com a Paz em mente, percebemos que o tema se tornou incontornável. Escrita e descrita por muitas mãos, diferentes vozes e perspetivas, encontramos em cada texto um pouco do que cada um de nós tem dentro, e em cada texto sentimos conforto, reconhecimento. De alguma forma, as palavras que vos trazemos oferecem apaziguamento, seja na calma ou na tormenta, sempre na reiteração de que estamos juntos nestes tempos estranhos que nos assombram.

Esperamos que o leitor encontre, entre as nossas páginas, palavras que ressoem no seu íntimo e que a Paz consiga verter-se pelo dom da escrita para a leitura. Que as letras nos ofereçam o que atos de outros ameaçam tirar.

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

ANA CRISTINA SILVA



Ana Cristina Silva nasceu em Lisboa e é professora no Instituto Superior de Psicologia Aplicada na área de Aquisições Precoces da Linguagem Escrita, Ortografia e Produção Textual. Autora de 15 romances e de um livro de contos, foi três vezes finalista do Prémio Literário Fernando Namora (2011, 2012 e 2013), que venceu em 2017 com o romance *A Noite Não é Eterna*. Recebeu também o Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues pelo romance *O Rei do Monte Brasil*, em 2012. Depois de *Bela, biografia ficcionada de Florbela Espanca* – já com edição no Brasil –, publica agora *À Procura da Manhã Clara*, o seu segundo romance com chancela Bertrand Editora.

1 | Qual o principal aspecto da sua personalidade?

Perseverança e talvez criatividade.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

Consciência das suas imperfeições, sabendo-se que todos somos imperfeitos.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

A mesma resposta anterior.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

Empatia e solidariedade.

5 | Qual é o seu principal defeito?

A mesma perseverança que faz com que eu não desista em altura que deveria desistir. E às vezes irritação perante a estupidez.

6 | Qual seu passatempo favorito?

Escrever, apesar de não ser bem um passatempo, mas uma forma de estar na vida. Por isso, talvez a resposta mais adequada fosse ler.

7 | Qual sua noção de felicidade?

Ler um excelente livro ao sol ao pé de uma piscina.

8 | Qual sua noção de infelicidade?

A minha infelicidade tem sempre a ver com a impossibilidade de comunicação genuína.

9 | Se não fosse você mesma, quem seria?

Alguém muito versátil do futuro.

10 | Onde gostaria de morar?

Ao pé da praia, qualquer uma. O mar acalma-me.

11 | Qual sua cor favorita?

Vermelho.

12 | Qual seu escritor favorito?

Marguerite Yourcenar.

13 | Qual seu poeta favorito?

Rainer Rilke.

14 | Qual seu herói favorito na ficção?

Adriano, das Memórias.

15 | Qual sua heroína favorita na ficção?

Mrs. Dalloway.

16 | Quais seus pintores e compositores favoritos?

Caravaggio e Bach.

17 | Quais seus heróis na vida real?

Não acredito em heróis.

18 | Qual sua figura feminina favorita na história?

Cassandra, da Guerra de Troia.

19 | Quais seus nomes favoritos?

Gabriela.

20 | O que mais odeia?

A perfeição ou a suposta perfeição.

21 | Quais as figuras históricas que mais odeia?

Hitler, Torquemada.

22 | Qual o evento militar que mais admira?

O 25 de Abril.

23 | Qual o talento natural que gostaria de ter?

Regulador de stress automático.

24 | Como gostaria de morrer?

A dormir.

25 | Qual é seu estado mental atual?

Focado.

26 | Por qual defeito tem menos tolerância?

A desonestidade com o próprio.

27 | Qual seu lema favorito?

Vive e deixa viver.

MARIA DA GRAÇA

ALEXANDRA
FERREIRA

«Deixo-vos a paz, dou-vos a
minha paz»

Maria da Graça despertou com a voz melódica que se instalou insidiosamente na sua mente. Tentou abrir os olhos. Tentou mexer-se. Percebia palavras no burburinho: «camião... desfeito...».

«O que aconteceu?»

Fez nova tentativa para abrir os olhos, para se mexer. Não foi capaz! «... choque frontal... prognóstico muito reservado...»

«Quem teve um acidente?»

E aquela voz «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz».

Recuou à mais tenra infância. Lembrou as brincadeiras na sacristia, às cavalitas do pároco. Ele ria e resfolegava, enquanto ela se escarranchava nas suas costas. «Anda cavalinho! Cavalinho anda!». E espicaçava-o com as suas perninhas curtas. «Moraria ali? Que imagem tão estranha!»

As memórias desfilavam, agora ao colo do pároco, depois embrulhada na estola, debaixo da sotaina... Vários apitos cortaram-lhe as divagações e mergulhou na inconsciência.

**«As memórias
desfilavam, agora
ao colo do pároco,
depois embrulhada
na estola, debaixo da
sotaina...
Vários apitos
cortaram-lhe as
divagações e
mergulhou na
inconsciência.»**

«Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz»

Um estilhaço de memória... o rosto vermelho do padre a arquejar no tapete felpudo... a mãe entrando na sala e gritando-lhe para sair...

«... sedativo... paz...»

«Paz?! Filha! Filha! Onde está a minha filha?»

Debateu-se novamente para ver o que acontecia à sua volta, quis soerguer-se, mas o corpo não acompanhava a sua vontade. Estava emparedada no próprio corpo.

Gritou, gritou, gritou, mas o eco ensurdecedor ressoava apenas na sua cabeça. Sem forças soçobrou.

«Tenho um chupa-chupa para ti, mas não podes contar à mãe. Queres?»

«Sim, senhor padre» — repetiu, conforme ouvia a mãe dizer.

«É um segredo nosso. Não pode ser quebrado. Deus é testemunha.»

«Sim, senhor padre.»

«Está aqui no meu bolso. É muito grande. Vai dar para vários dias. Queres chupar?»

«Sim, senhor padre.»

«Vou segurá-lo na mão e deixo-te dar umas lambidelas.»

«Sim, senhor padre.»

Maria da Graça recorda o estranho chupa-chupa. Não era como os da venda, achatados e embrulhados em papel celofane. Aquele era cilíndrico, rosado, com um orifício na ponta e coberto de mel. Mas era doce e soube-lhe bem. Um ruído de passos aproxima-se.

«Por hoje já chega. Amanhã deixo-te chupar mais.»

«Vamos, minha filha? Sua bênção, senhor padre!»

«Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz»

O ritual repetiu-se por anos e Maria da Graça espantava-se com a criatividade dos cenários que o padre montava para lhe satisfazer a gula: algumas vezes sentava-a no colo, outras pedia-lhe que se ajoelhasse, ou deitava-se no chão. Como prova de confiança, começou a deixar que ela agarrasse o chupa-chupa com as suas mãozinhas roliças, enquanto a incitava a esfregar a base para acentuar o sabor a fruta.

«... um mês... desligar as máquinas... paz...»

«Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz»

«Estão a dar-me a extrema-unção?! Socorro! Eu estou viva! Senhor padre, salve-me!»

Maria da Graça cresceu. O seu corpo começou a ganhar formas voluptuosas. Era alvo dos desejos secretos dos rapazes da sua idade e também dos pais deles. Mas ela ignorava os olhares libidinosos, enquanto seguia para a casa do padre.

«Sua bênção, senhor padre!»

«Maria da Graça cresceu. O seu corpo começou a ganhar formas voluptuosas. Era alvo dos desejos secretos dos rapazes da sua idade e também dos pais deles. Mas ela ignorava os olhares libidinosos, enquanto seguia para a casa do padre.»

«Deus te abençoe, minha filha. Estive a pensar. Está na altura de tomares o corpo de Cristo.

«Como na missa?»

«Não. É uma cerimónia mais íntima em que o corpo do Senhor entra em ti para te santificar. No início, podes sentir desconforto e oferecer alguma resistência à penetração do espírito vivo no teu interior. Mas não temas, pois os prazeres da santificação ficarão inscritos na tua alma. Sentes-te preparada para esta bênção?»

«Sim, senhor padre.»

Subiram ao andar superior onde se despiram das roupas profanas. Sentou-a na tina de zinco e regou o seu corpo com água tépida que cheirava a alfazema e alecrim. Ensaboou-lhe delicadamente cada centímetro de pele, detendo-se nas zonas protuberantes. Lavou-lhe e penteou-lhe os longos cabelos pretos. Embrulhou-a na toalha de linho.

«Subiram ao andar superior onde se despiram das roupas profanas. Sentou-a na tina de zinco e regou o seu corpo com água tépida que cheirava a alfazema e alecrim. Ensaboou-lhe delicadamente cada centímetro de pele, detendo-se nas zonas protuberantes. Lavou-lhe e penteou-lhe os longos cabelos pretos. Embrulhou-a na toalha de linho.»



«Estás pronta, Maria da Graça. Vem.»

Conduziu-a ao quarto e convidou-a a deitar na cama alva. Massajou-a, corpo a corpo, com óleos santos, enquanto lhe sussurrava palavras de elevação e de abertura ao sagrado que iria passar a habitar no seu interior.

Maria da Graça entregava-se à cerimónia e sentia os pensamentos clamarem para que o Senhor a tomasse e a fizesse sentir una com o Criador.

«Corpo de Cristo», ouviu-o dizer, enquanto uma onda de prazer a sacudiu.

«Toma o corpo de Cristo, Maria da Graça!», e ela colava-se a ele, sentindo-o agigantar-se dentro de si, ternamente, deixando-a gozar a plenitude da comunhão. Perdeu a noção das vezes que procurou e se deixou tomar pelo corpo de Cristo, repetindo o êxtase.

Exausta, adormeceu embalada pelas palavras familiares «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz».

«Agarra-te à vida, Maria da Graça. O Senhor ainda não te chama. Preciso de ti para continuar a cumprir a minha missão aqui na terra, trazendo paz aos homens de boa vontade.»

«Mãe, preciso de ti. Não me abandones!» Maria da Graça estremeceu. Ali estavam as duas pessoas que mais amava no mundo, pedindo-lhe para ficar. Precisava de lutar para afastar aquela atração de se unir ao Divino Criador, tinha de lhes dar um sinal de que estava viva. O período da dúvida acabara e ela estava a voltar para casa, para a sua Maria da Paz e para o amor do senhor padre, quando fora encandeada pelas luzes do camião. «Paz! Corpo de Cristo!», murmurou, antes de regressar à inconsciência.



Soa a meia-noite, com as badaladas trazidas pelas ondas da rádio, quando, de repente, o estralejar dos foguetes invade a calma. Segue-se o fogo colorido.

Todos estão felizes, abraçam-se, amam-se, renovam votos. Os mesmos de sempre. Prometem ser melhores, mais generosos. Mentira, não se tornam mais caridosos, não mudam.

Norberto manteve-se à janela a olhar o fogo de artifício. Levou aos lábios a caneca com chá. Frio. Suspirou como quem fuma. Decidiu deitar-se, que a manhã traria, bem cedo, mais um dia de trabalho. Para as ovelhas não havia feriados.

O novo ano começava frio. No curral reparou que a coberta estava noutro sítio e parecia tapar algo. Aproximou-se e viu cabelo. Era de uma mulher jovem. Dormia. Colocou-lhe a mão no ombro e abanou-a.

— Senhora, o que está aqui a fazer?

— Desculpa. Perdi-me e não sabia para aonde ir. Estava frio e vi o curral, pensei que os animais me ajudariam a suportar o frio. Vou-me já embora.

Ela tremia, continuava agarrada à manta.

— Venha comigo até à casa, faço-lhe um chá e acendo o lume para a aquecer.

Os dedos da mulher ficaram ainda mais brancos com a força para se agarrar ao cobertor.

— Não lhe vou fazer mal, senhora. Só vi que está com frio, mas se não quiser...

— Desculpa. Esqueço-me de que existem pessoas sem querer algo em troca. Agradeço o chá e o lume para me aquecer. Tens razão, tenho frio.

Virando-se, Norberto encaminhou-se para casa.

Na cozinha, colocou a chaleira no fogão. A mulher tinha-se sentado. Ao contrário do que esperava, ela não estava a olhar para a casa, limpa, mas sem os luxos de outras.

— Quer dizer-me o seu nome?

— Carolina.

— Eu sou o Norberto, as pessoas tratam-me por Beto.

Virou-se para o fogão e acabou de fazer o chá. O familiar aroma de Lúcia-lima espalhava-se.

Carolina fechou a caneca entre as mãos e começou a beber.

— Onde está a sua família? Perdeu-se? Quer que a leve a algum sítio?

**«Todos estão felizes,
abraçam-se, amam-se,
renovam votos. Os mesmos
de sempre. Prometem ser
melhores, mais generosos.
Mentira, não se tornam mais
caridosos, não mudam.»**

— Desculpa estar a transtornar-te a vida, não é preciso nada, eu vou-me embora.

Num movimento único, pousa a caneca e ergue-se. Ao vê-la afastar-se em direcção à porta, segura-a pelo pulso.

— Passou a noite no curral, com frio, não deve ter dormido bem e deve ter fome. Descanse um pouco e aqueça-se. Eu tenho um resto de sopa de ontem.

Com um olhar comparável ao céu em dia de tempestade, fixa-o, como se quisesse ter a certeza de que Beto falava a verdade.

— Obrigada.

— A sopa está naquele tacho. A manta que está no sofá é bem quente e as cinzas na lareira vão manter o calor. Fique descansada, ninguém a incomodará. Eu vou levar o meu rebanho para o pasto. Volto pela hora do almoço.

— Vais deixar-me sozinha na tua casa?

— Nada tenho que possa roubar. — Virou-se e saiu.

A manhã passou calma, silenciosa, à parte dos sons das ovelhas e do cão. Sentado numa pedra, Beto pensava na mulher que deixara em sua casa. Quem seria? O que a levava a esconder-se no seu curral? Do quê ou de quem se escondia? Estaria lá ainda?

Ao entrar, os olhos de Beto pousaram no sofá.

A jovem dormia profundamente. Despojou-se do casaco e das botas. Já na cozinha, iniciou os preparativos para o almoço.

— Obrigada por me teres deixado descansar.

A voz suave fê-lo virar-se. A roupa que vestia parecia-lhe estranha, mas na cidade já tinha visto roupas assim. Para ele, nada práticas, apesar de muitos as usarem.

— Sente-se melhor, senhora?

— Incomodas-te que te trate por tu?

— Não.

— Então, não me trates por senhora, o meu nome é Carolina, podes chamar-me Lina.

— Muito bem, Lina. Porque estavas no meu curral?

«Deverias dar-te mais com as pessoas. Nada de revirares os olhos, sabes que tenho razão. Tu és bondoso. Percebo que sofreste, é provável que alguém que te deveria ter protegido não o tenha feito, mas a maldade no mundo pode ser avassaladora.»

— Posso ir-me já embora.

Beto interrompeu-a com um levantar de mão.

— Não estou a dizer para te ires embora. Só acho estranho, devem andar à tua procura.

— Ninguém me procura e eu só quero paz. Não sou nenhuma criminosa, não fiz mal a ninguém, só quero estar sossegada.

Nos seus olhos azuis, Beto só viu verdade, dor, tristeza, o querer deixar os outros lá fora. Conhecia bem esses sentimentos. Também ele decidira estar afastado o mais possível das pessoas.

— Posso ajudar-te com as refeições, a lida da casa e até alguma outra tarefa. Só preciso de uns dias para pensar no que fazer a seguir.

— Está bem. Alguns dias.

Numa manhã, enquanto olhava, sem ver, as ovelhas, Beto apercebeu-se de que ele e Lina tinham caído numa rotina. Ela continuava em sua

» casa. Tomavam o pequeno-almoço juntos, ele levava as ovelhas para o pasto, regressava, ela tinha o almoço pronto, almoçavam, à tarde Lina cuidava da casa e ele dos afazeres da quinta. Em menos de uma semana assemelhavam-se a um qualquer outro casal.

Beto até sorria. Sem se aperceber, devolia o sorriso doce que o saudava quando chegava a casa. Envolvido nos seus pensamentos, de repente foi como se ainda estivesse a ouvir Lina e a conversa que tinham tido na noite anterior, enquanto arrumavam a loiça lavada.

«Deverias dar-te mais com as pessoas. Nada de revirares os olhos, sabes que tenho razão. Tu és bondoso. Percebo que sofreste, é provável que alguém que te deveria ter protegido não o tenha feito, mas a maldade no mundo pode ser avassaladora. Se quem é capaz de sentir compaixão nada fizer, não há esperança de se conseguir combater essa perversidade.»

Regressava a casa, quando percebeu que estava um carro perto da sua propriedade.

Dele saíram três homens: dois desconhecidos e o Joaquim. Era guarda republicano e filho do padeiro.

Cumprimentou-o e apresentou-lhe os outros dois; eram agentes da Polícia Judiciária.

— Foi encontrado o corpo de uma mulher, naquele palheiro abandonado, no olival que liga com o teu quintal.

— Viu algo estranho, ou alguém, por aqui nestas duas semanas?

— Não vi ninguém.

— Esta é uma fotografia da mulher. Viu-a por aí?

— Reconhece-a? Pela sua cara estou em crer que sim.

— Não. Apenas me parece jovem. Custa-me pensar que está morta.

— Ela não está apenas morta, foi assassinada.

Chamava-se Carolina Bastos e supomos que se dirigia para a cidade, onde vive uma prima. Fugia do namorado, que não a queria largar. Pensamos que talvez ela tivesse passado por aqui e pedido ajuda.

— Não sei de nada.

— Beto, se te lembrares de alguma coisa passa pelo posto.

Joaquim e um dos agentes dirigiram-se para o carro. O outro agente ficou a olhá-lo.

— Voltaremos se tivermos mais questões.

Por fim, o carro afastou-se. Assim que conseguiu recolher os animais no curral, entrou em casa. Lina não estava para o saudar, percorreu todas as divisões e nem sinal.

Beto ficou uns momentos quase sem conseguir respirar, agarrado à mesa.

Questionou-se se estaria a ficar louco. A mulher que estivera consigo os últimos dias, afinal, fora morta há cerca de duas semanas.

Foi até à cozinha. A loiça fora lavada e arrumada. No sofá, a manta estava dobrada, nada indicava ter estado ali outra pessoa. Interrogava-se como poderia ter imaginado uma mulher, que afinal era real, mas já não estava viva. Sentou-se e ali ficou. No dia seguinte, Norberto seguiu a sua rotina, levou as ovelhas para o pasto e travou os pensamentos sobre a Lina. Não ponderava ficar louco. Uma semana decorrida, foi à mercearia fazer algumas compras.

A dona Gertrudes cochichava com a dona Judite: — Coitadinha, foi estrangulada. Encontraram o namorado e ele confessou. Os outros polícias já se foram embora.

De regresso a casa, Beto lembrou-se de Lina, como ela lhe tinha falado da perversidade e de que só queria paz. Continuava sem entender. Recordar-se-ia dela como de um sonho.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



SILVADOS EM FLOR

LÚCIA
MENDES

Havia dois muros em lugares opostos: um, junto aos dois sobreiros, vistosos e robustos, outro, a uns metros, junto ao cipreste e ao silvado. Neste último nada atraía, a não ser em junho e setembro quando o negro e o vermelho das amoras disfarçavam os grandes espinhos e cobriam o muro de cor.

Surgiram aí as duas primeiras casas, paralelas às árvores e aos muros peculiares, que vieram a se confirmar, depois de destruídos, serem patrimônio romano. Enquanto essa desgraça não acontecia, um dos muros de três metros de pedras brutas e de distintas dimensões alojou o descanso dos poucos habitantes que ao longo do último século imprimiram ali próximo o seu espaço.

Aos domingos, à sombra dos sobreiros, primeiro lugar escolhido, os homens sentavam-se no muro e aconchegavam as costas aos grandes troncos. Jogavam às cartas durante horas, já com as manhas moldadas aos dedos e trocos, que telintavam nos dentes arreganhados dos sortudos. As mulheres estendiam os bordados em linho no muro com um cuidado meticuloso e mostravam às lentes

atentas as horas infindas de pontos. Um por um, cobririam mesas fartas ou as rezas da paróquia. Traziam também os seus banquinhos de madeira, onde depois se apoiavam para subir ao muro, vigiar o tempo e as crianças que adivinhavam os bichos em troncos apodrecidos.

Sentados nas ervas, evitando as urtigas, os enamorados rabiscavam nas pedras do muro promessas. As mãos trêmulas denunciavam a contenção do calor que os consumia. A casa mais próxima ao muro pertencia a dona Filipa.

Nunca deixou de abrir os ferros pedreiros das suas portas verdes, nem depois de a filha emigrar, ou o marido ser levado por uma pneumonia. A vida estendia-se para lá das pedras. Os cheiros comungavam entre o bolo de laranja e chá de hortelã-pimenta. Então, acontecia: o sol demorava-se mais ali e encegurrava; o muro transformava-se no altar das suas vidas.

**«Aos domingos, à sombra
dos sobreiros, primeiro
lugar escolhido, os homens
sentavam-se no muro e
aconchegavam as costas
aos grandes troncos.»**

O impensável aconteceu quando dona Filipa começou a rebobinar o passado. Encenou atitudes e conversas, ressuscitou pessoas e lugares. O seu esquecimento culminou num incêndio, que levou parte da casa. A consciência regressou com pressa e a filha veio buscá-la. Desta vez dona Filipa não recusou. Tinha medo de ser deixada na solidão de um quarto e só a encontrarem semanas depois.

Chegou ao sítio um empreiteiro conhecido por possuir diversos hotéis. Depois de medições aqui e acolá, papéis despachados com um empurrão de uma palmada nas costas, as máquinas tomaram conta. Aquele muro romano foi o primeiro a sucumbir. Logo a seguir, os sobreiros de dois séculos e por último, a casa.

Afastados do movimento, os habitantes assistiam impotentes à marcha fúnebre das suas memórias despachadas em máquinas e camiões. Em menos de nada, dispersaram-se das poeiras, mas o barulho resmungava nos engenhos enfiados na terra.

Aos poucos, encaminharam-se para o outro muro romano junto ao cipreste. As costas evitavam os espinhos que engoliam a casa junto a ele construída. Algo os incomodava, sem ninguém precisar o quê. Evitaram as sombras durante tanto tempo, mas caíram todas sobre eles, de uma assentada.

No muro distribuía os cestos de vimes com os bordados, o baralho de cartas, os terços. As pedras puxaram fios ao linho, as cartas perderam-se nas fendas das rochas, as crianças esfolaram os joelhos e os enamorados foram arranhados mesmo antes de se tocarem.

Contudo, habituaram-se ao novo lugar. Quando o silvado desabrochou, o pequeno portão enferrujado destacou-se no centro da moita. Um túnel de flores brancas marcava a entrada da casa. No entanto, não o suficiente para chamar a atenção à chave a baloiçar na porta, às três peças de roupa a secar e à caixa de vegetais frescos, que estorvava o trinco deixando uma pequena abertura.

No mês seguinte, as crianças, carregando pacotes vazios de leite cortados em forma de cesto, foram apanhar as amoras. As mulheres prepararam-nas para o doce, enquanto os homens

golpeavam a massa para o pão. Deliciaram-se até a ponta dos dedos sob as últimas labaredas do dia. Talvez esses cheiros disfarçassem a decomposição crescente, que invadia a rua. Talvez as novidades daquele lugar fizessem perder os sentidos.

Três meses depois, descansavam os cestos com a merenda em cima do muro, quando as águas os engoliram num ápice. Nem os bancos evitaram molhar as saias das mulheres, nem as calças dos homens se safaram, mesmo arregaçadas até o joelho. As crianças a chapinhar sujaram as roupas de domingo e o fervor dos enamorados foi apaziguado. »

**«Quando o silvado
desabrochou, o
pequeno portão
enferrujado destacou-
-se no centro da moita.
Um túnel de flores
brancas marcava
a entrada da casa.
No entanto, não o
suficiente para chamar
a atenção à chave a
baloiçar na porta, às
três peças de roupa
a secar e à caixa de
vegetais frescos, que
estorvava o trinco
deixando uma pequena
abertura.»**

Detetaram a levada de rega dos terrenos alterada e assim que a corrigiram, o muro sacudiu toda a água e foi de novo altar.

— Quem desviou a água? — perguntou um dos homens dirigindo-se às crianças. — Escondiam as gargalhadas nessas bochechas rubras! Uma voz respondeu dentro da casa. Ninguém ouviu.

No domingo seguinte, o muro estava coberto de terra que fervilhava, centenas de larvas e varejas dominavam todo o espaço. Uns colocaram as mãos à boca, outros à cabeça. Quase a desistir, depois de uma hora indecisos, tiveram a ideia de desviar de novo a água de rega. Tudo foi limpo em instantes, as larvas engolidas pelo chão, as varejas afugentadas.

— Saiam daí! — Ouviram uma voz escorraçar através das janelas da casa junto à moita. — Saiam daí ou nunca terão paz!

Perplexos, viraram-se na direção da casa do silvado, ninguém reconhecia aquela voz.

— A rua é de todos. — gritaram, respondendo à ameaça. — Que atrevimento. Não podes calar a rua!

Quando se aproximaram do sítio de novo, as mãos em punho iam já prontas para mais um desafio. Tudo parecia como dantes, até alguém soltar um gemido assim que tocaram o muro. Ninguém conseguia se aproximar sem gritar um ai, escaudava. Deambularam às voltas, esperando arrefecer, até que ouviram de novo:

— Saiam daí! — Mas já ninguém deu troco à voz. No dia seguinte, o sítio acordou em sobressalto, o muro onde se sentavam estava estilhaçado, no seu lugar uma cova marcava o alinhamento à porta de casa. O silêncio cresceu nos rostos olheirentos. Todos tiveram uma noite agitada:

— Ouvi ruídos noite dentro, acho eu, espreitei a janela e vi um vulto curvado derrubar o muro de malho na mão, a cada pancada, a mesma voz da casa gritava: — saiam daqui — outra

pancada e gritava — a morte está no caminho. Outro disse:

— Vi as feições de uma mulher, sem dúvida uma mulher. Agarrou uma enxada e cavou durante horas. E que força, senhores! Enquanto eu trocava o sono pelo pesadelo, ela trocava a enxada pela pá, e atirava terra para as margens do buraco. Outros ainda:

— Senti a minha cama estremecer, uma velha dançava na cova ao mesmo tempo que metia as mãos aos bolsos e espalhava o que achei ser sementes, depois, enchia as mãos de terra que atirava ao ar. Deitou-se lá mesmo, juro, acariciando os quatro cantos e trauteando de mansinho: "dorme, dorme, meu menino."

Ninguém sabia se suspirava de alívio ou de aflição. Os pesadelos têm destas coisas, agarramos na realidade e levamos a fazer contas no sono. Entre esta indecisão interior, viram finalmente o que há muito lá estava: a chave na fechadura da porta, a roupa no estendal a meia haste, já tresmalhada do sol em demasia e a caixa com os agora podres vegetais que estorvam o trinco deixando uma pequena abertura.

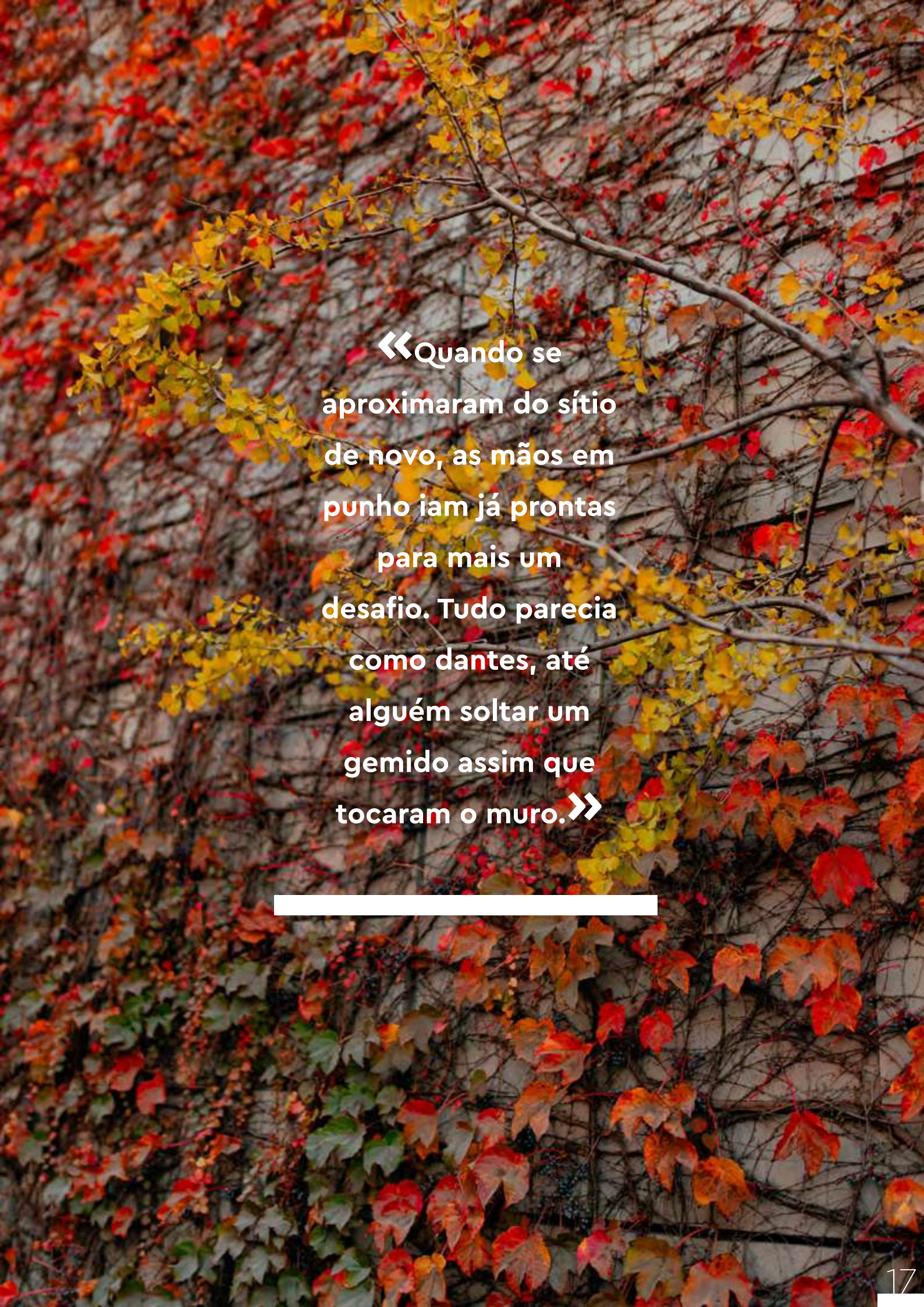
Entraram derrubados pela necessidade de certezas.

No chão, a dois passos da entrada, deram com um cadáver. Já não se lhe reconheciam feições, o vestido indicava ser a mulher da fotografia centrada na parede. A imagem retratava mais dois: um homem fardado e um menino que, em cima do muro, sorria com um ramo farto de flores na mão.

Ninguém poderia imaginar que naquele mesmo muro lhe morreu o filho nos braços, há vinte anos.

Queriam respostas urgentes que lhes acalmassem as insónias, mas a rua calou-se.

Três meses depois, a cova onde estava o muro rebentou de vida, as flores nasceram vistosas e coloridas, os mesmos junquinhos das mãos daquela criança.



«Quando se
aproximaram do sítio
de novo, as mãos em
punho iam já prontas
para mais um
desafio. Tudo parecia
como dantes, até
alguém soltar um
gemido assim que
tocaram o muro.»»

CHAMADA PARA A PAZ

MANUELA
VIEIRA

«A única revolução possível é dentro de nós»

Mahatma Gandhi

Atendi. A voz parecia-me longínqua. Rouca e com falhas. Havia silêncios prolongados como quem necessitasse de recuperar o fôlego, após uma maratona. O que estava prestes a ouvir revelou-se a história de uma corrida impiedosa, que se iniciara na infância de uma mulher, sem previsão de término. — Disseram-me que podia confiar na senhora. Não aguento mais. Deixe-me dizer tudo de seguida, não sei quando é que a minha voz irá parar. (Silêncio). — Estou aqui. Escuto. Quando puder, continue — disse, porque nada mais podia dizer, já que me sentia invadida de uma dor, um peso vindo não sei de onde. Apenas a sensação de que a aflição que viajava até mim teria de ser ouvida, socorrida, com a máxima urgência. — Há um pensamento que me persegue. E agora com a doença é pior. Tenho mais tempo para pensar. Não cuidei da minha filha. Da mais velha. Os outros tiveram mais sorte. Mas a mais velha nasceu quando eu saía da adolescência. Agonia-me a incerteza, mas é possível que ela seja também minha irmã. Não aguento certos cheiros aqui do hospital. O álcool deixa-me tonta. Ele cheirava assim. Eu ficava atordoada e odiava a noite. A minha mãe sabia, mas estava sempre alcoolizada. Os meus irmãos eram mais novos. Viviam amedrontados.

Há quinze anos, já eu tinha saído de casa, o meu irmão deu uma tarefa no meu pai. Conseguiu enfrentá-lo, estava cheio de força. Talvez das lutas da rua, e das macacadas da sobrevivência. O ódio corroía-nos a todos. Não bastava a fome do corpo, as discussões mantinham-nos de pé e atentos. Passei a viver com o pai dos meus outros filhos. Coitada da mais velha. Descobri que vive da prostituição. Nunca cuidei dela. Só sentia as minhas dores. A do abandono era a maior. (Silêncio). Desculpe... (Silêncio). Não sei se fiquei feliz quando soube que ele morrera. Durante toda a vida só o via à noite. Aliás, só o sentia. Nem sei a cor dos seus olhos. Que ninguém me diga. De dia fugia dele. À noite ele apanhava-me. (Silêncio prolongado).

— Estou aqui. Estou a ouvi-la.

— Resta-me um dia ou dois. E não quero morrer para ele. Ele não me deixa em paz. Povo-a-me os pensamentos todos os dias. É como se estivesse à minha espreita. À espreita para me apanhar morta. Não basta o sufoco das feridas da garganta, do peito e do peso do arrependimento sobre a vida que não dei à minha filha, é como se ele me quisesse castigar. (Silêncio prolongado).

— Estou a ouvi-la.

— Nunca contei nada disso ao psicólogo. (Silêncio). O hospital arranjou um psicólogo para me ajudar com a doença e também por estar longe do resto da família. Mas a minha filha está nesta cidade. (Silêncio). Não contei por vergonha e porque não há nada a fazer. Já estou a morrer e ele está morto, a atazanar os meus pensamentos. É como se continuasse a fazer aquilo, sabe? É o que sinto, quero-me livrar dele. Não quero morrer para ele. (Silêncio). O ódio trouxe-me essa doença. A garganta adoeceu. Não podia falar com ninguém. (Silêncio). Acredita que os mortos estão vivos? Disseram-me que a senhora acredita.

— Acredito, sim.
— Eu não quero morrer para ele. O que fazer? O meu tempo acaba.
— Sinto muito. No meio de toda essa dor que a aflige, consegue perceber que ele foi alguém completamente doente? Louco da alma? Que a nossa sociedade abraça também muitas loucuras?
— Se percebo? (Silêncio). Só pode.
— Não quer tentar libertar-se dele? Afastar o pensamento dessas loucuras?
— Não sei fazer isso.
— Percebendo-o louco, pode transformar esse ódio em misericórdia, em compaixão. Consegue perceber o que eu quero dizer?
— Para perdoar? (a voz aumentou de tom).

**«O fraco jamais perdoa:
o perdão é uma das características do forte.»**

Mahatma Gandhi

— Para perdoar? — repetiu, mais calma.
— Se vir o perdão como uma libertação, afastamento, dar espaço entre vós, alívio para si, sim. Consegue perceber o que digo?
— Mas toda a minha vida foi um desastre! Não há nada de útil. Até a minha filha mais velha é uma infeliz. Nunca olhei para ela direito.
— Pode falar com a sua filha. Fale-lhe do seu arrependimento. Fale-lhe o quanto a ama. Você é boa pessoa. Apenas nunca soube disso.
— Eu? E a minha filha?
— Ajude-a a descobrir a boa pessoa que ela também é. Diga-lhe o quanto a ama e que se preocupa. Liberte-se das palavras que engavetou durante anos. Por medo, por dor. Deixe que a morte lhe possa mostrar o caminho da paz.
— Disseram-me que ela vem cá hoje. Uma prima enviou-me um número de telefone. Pedi ao enfermeiro para lhe ligar. (Algum entusiasmo na voz).
— Há minutos da vida que valem ouro. Não se prenda com a ideia de que lhe falta pouco tempo. Use esse tempo e, quem sabe, vocês as duas poderão encontrar um novo sentido para a vida. Paz no coração.
— E a morte?
— A vida continua.
— Pois... E ele?
— A sua paz é sua conquista. Ele não terá acesso.

Seguirá o seu próprio caminho.

— Parece que sim. O que me diz... Sinto que sim. Eu vou falar com a minha filha, senhora. Obrigada
— disse a soluçar.

«As melhores e mais belas coisas do mundo não podem ser vistas ou tocadas. Elas devem ser sentidas com o coração»

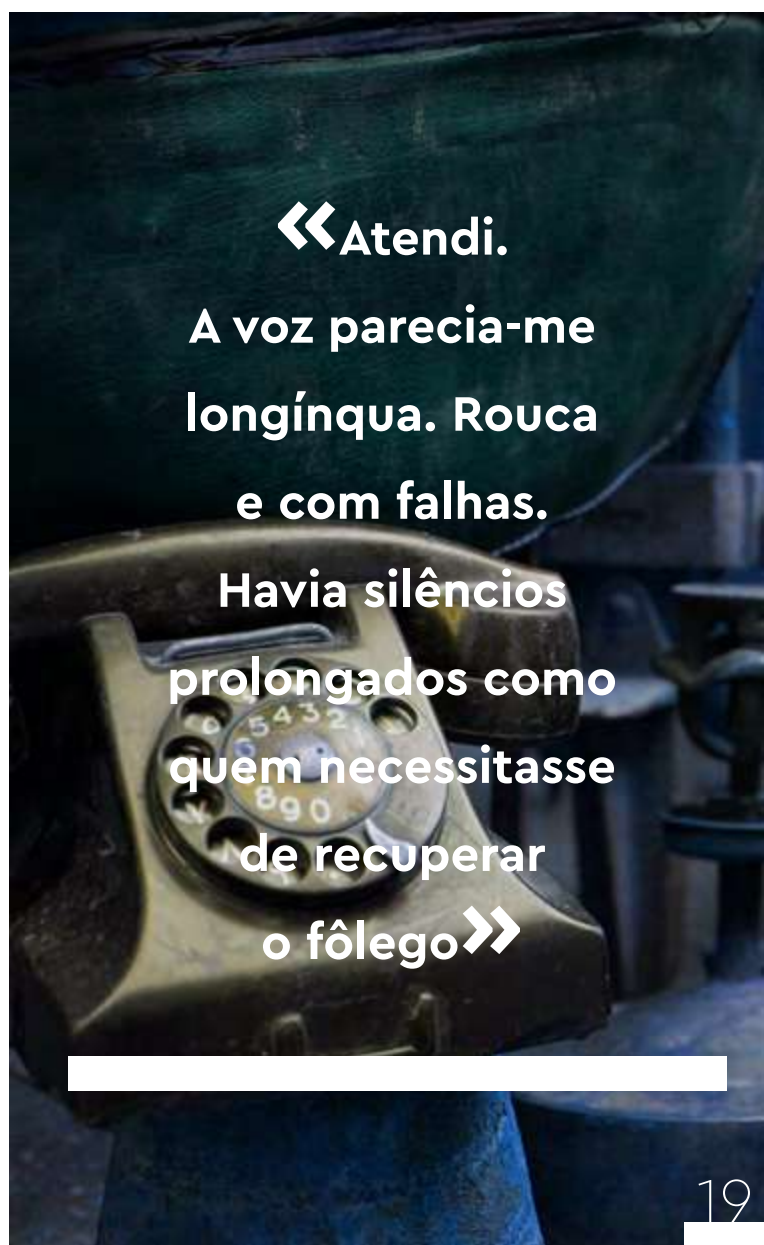
Helen Keller

Dois dias depois, o meu telefone tocou. Um número desconhecido. Atendi. Algum silêncio, até que ouvi:

— A minha mãe faleceu. Conversámos. Dói-me a alma. Ela deu-me este número. Disse-me para lhe ligar. Consegue ajudar-me? Procuro... paz.
— Podemos falar, sim.

**«Se não houvesse esperança,
não estaríamos lutando»**

Autor desconhecido



Sitói sentava-se numa caixa, à entrada do mercado de peixe. O lugar já tinha marcação, pois nunca vira mais ninguém ali instalado.

Sempre que eu punha os olhos nele, parecia-me fraco e mais envelhecido. Dizia que não, que Deus lhe dava forças (eu, pelo contrário, acreditava ser a bebida, o seu veneno e única amiga). Vendia contas coloridas, ia enfiando algumas para vender aos turistas. Das suas mãos, tão enrugadas quanto habilidosas, às vezes saíam pulseiras, outras vezes uns quantos colares dignos de exposição numa capital europeia. No entanto, nem eu possuía contatos, nem o pobre Sitói imaginava que fazia arte, e da boa.

Dois anos antes resolvera mudar-me para Maputo e fazer voluntariado no hospital Central, pouco tempo depois do meu filho falecer. A dor, achava eu, dissipar-se-ia com a pobreza, com a qual eu viria a lidar no dito hospital. Na verdade, enquanto passava horas a tentar salvar vidas miseráveis, a minha cabeça estava repleta e não pensava em mais nada.

As noites é que eram piores. Nessas horas os sonhos transformavam-se muitas vezes em pesadelos e as crianças apareciam-me na forma e corpo do meu filho. Matutava no quão mal distribuído o dinheiro no mundo estava.

«Dois anos antes resolvera mudar-me para Maputo e fazer voluntariado no hospital Central, pouco tempo depois do meu filho falecer. A dor, achava eu, dissipar-se-ia com a pobreza, com a qual eu viria a lidar no dito hospital. Na verdade, enquanto passava horas a tentar salvar vidas miseráveis, a minha cabeça estava repleta e não pensava em mais nada.»

Tanta riqueza na América e Europa e aqui via morrer gente sem hipótese de cura, por falta de medicamentos básicos. Injusto? Muito! Eu tinha de aprender a viver no meio da carência e do caos. Nada havia a fazer, senão, com os escassos meios disponíveis, tratar gente que olhava para nós como o último recurso para continuar a viver, ou melhor dizendo, a sobreviver.

Voltando ao Sitói. O meu grande amigo não mostrava a sua verdadeira idade, exibia alguns cabelos brancos, o que, para um negro, era sinal de muitos anos. Sempre que me via, dançava desengonçado à minha frente. Era ele que escolhia para mim o melhor peixe da banca da D. Xica, a vendedora mais barulhenta do mercado. Se não era garoupa, selecionava o melhor camarão e, de vez em quando, lulas. Esperava pelos trocos que lhe dava. Eram poucos, preferia deixar-lhe um cabaz de comida, uma vez por outra. Comprava com eles cigarros e fumava-os de maneira peculiar, virados para dentro. Ele próprio me ensinara como se fazia e como expelia o fumo. Uma habilidade que tinha aprendido com as mulheres do Norte do país, que a dominavam bem. Eu perguntava:

— Mas, Sr. Sitói, como percebes tanto de peixe e marisco?

— Ah, doutor, tu não me conhece, eu já fiz muita coisa, andei nesses barco grande de pesca, daqueles dos sul-africanos que vem aqui buscar o nosso peixe e camarão. Também apanhei lagosta para os turistas.

— Não ganhavas bom dinheiro?

— Xiiiiiii, como não, patrão? Ganhava muito e trazia para casa para meus filhos estudarem, comprava capulanas novas para a minha mulher. Mas fui ficando cocuana e já não me quiseram mais lá no trabalho, minhas mãos já não aguentavam puxar as redes no barco. Fiquei triste, deixei tudo e vim para cidade.

O nosso primeiro encontro fora no hospital. Descobriram-no caído na rua, em coma alcoólico, com a cabeça e um braço partidos. Estava muito débil. Ficou internado uns dias meio esquecido numa cama fria. Ouvia-o chorar muitas vezes lágrimas secas, num lamento baixo e monocórdico. Quando lhe dei alta, saiu pelo seu pé, sozinho, ninguém o veio acudir ou ajudar. Senti-me consumido, agarrei e paguei a um taxista que conhecia para o levar à sua palhota no bairro da Mafalala com a indicação dos remédios a tomar. Olhou agradecido, sem proferir uma única palavra.

Voltámos a ver-nos uns meses depois, veio trazer-me duas lagostas. Não quis pensar que as tinha roubado, mas que, de alguma forma, tra-

balhara para as conseguir e agradeci o seu gesto. Recusar seria uma afronta. Enquanto estivera internado, conversámos umas vezes: trocamos ideias e as nossas dores. Algo me impelia para ele, era, de fato, um homem bom, com instrução, mas com pouca sorte na vida. Por causa da bebida, a mulher e filhos tinham-no abandonado. Estava só no mundo, no entanto, como ele dizia mantinha-se firme como o embondeiro, não desistindo da caminhada.

Passados uns dias, na minha habitual visita ao bazar e ao mercado do peixe, estranhei não o

**«Algo me impelia
para ele, era,
de fato, um
homem bom,
com instrução,
mas com pouca
sorte na vida. Por
causa da bebida,
a mulher e filhos
tinham-no
abandonado.
Estava só no
mundo, no
entanto, como ele
dizia mantinha-
-se firme como
o embondeiro,
não desistindo
da caminhada.»**

ver na sua caixa. Perguntei à volta, alguns não sabiam, outros diziam que naquela semana piorara, arrastando-se, pouco falava. Fiquei preocupado e decidido a ir vê-lo à sua palhota. Com a ajuda de um dos mufanas do mercado, que se ofereceu como guia, entrei pelo emaranhado das ruelas nauseabundas de terra batida do seu bairro, perseguido por um grupo de crianças curiosas e barulhentas. Chovera no dia anterior e as sapatilhas amontoavam matope e os detritos que pisava. Cheguei a um barracão de caniços misturados com chapas, sem porta, e espreitei para dentro. Sitói jazia inerte na sua esteira. Ajoelhei-me e palpei-lhe a testa. A temperatura era demasiado alta. Os olhos brilhantes e fixos não me contavam nada de bom. Parecia-me mais pequeno e franzino, ali deitado. Chamei-o pelo nome:

— Sr. Sitói? — Virou-se com dificuldade.

— Doutor? Vieste me ver? — balbuciou baixinho na minha direção. Senti-lhe o bafo febril com laivos de álcool.

— Vim certificar-me como estavas, vou levar-te para o hospital, não podes ficar aqui sozinho. Precisas de ajuda.

— Não patrão, não quero ir, deixa-me ficar aqui, quero morrer aqui mesmo, na minha palhota. Meu embondeiro apodreceu, doença comeu por dentro — retorquiu a muito custo. O esforço contribuiu para o posterior acesso de tosse. Retirei compressas da minha mala e pedi que as molhassem, a vizinhança estava toda à porta. Nunca um médico tinha vindo ver um paciente no bairro. Coloquei-as na testa. O seu estado era deplorável e não havia muito a fazer. Ele sentia-o, e sabia que eu sabia. Com a mão osuda e quente agarrou-me, puxando-me para si:

— Doutor?...

— Sim, Sr. Sitói ...

— Doutor é a única pessoa que me trata de senhor. És boa pessoa patrão. — Parou arfando e retomou. — Quero que guardes este colar que

fui missangando para ti...Tem cores que tu gostas. Cada missanga é uma história bonita de doutor comigo, por isso só doutor pode ficar com ele.

— Dizendo isto, e com a pouca força que lhe restava, passou-me o colar para as mãos e partiu. Fiquei perplexo, atrapalhado, comovido, não se ouvia um único som naquela palhota apesar de estar cheia de gente. Todos olhavam para mim. O meu coração enterneceu-se com aquele gesto e chorei, chorei muito. As minhas lágrimas eram molhadas e salgadas como o mar de onde vinham as lagostas, o peixe e tudo o mais. Sentado na terra, soluzei como um miúdo, chorei pelo meu filho e por estes Sitóis que existem e que nós, por vezes, não vemos.

O bairro inteiro esteve presente no velório e fui cumprimentado como se fosse a única família. Ofereci uma festa na sua palhota, porque é assim que se celebram os mortos nestas terras. Bebi e comi com todos os presentes, seus vizinhos. E assim recordamos o Sr. Sitói. Um homem puro. De volta ao meu lar em Lisboa aprendi a missangar as minhas dores e alegrias num colar que vai crescendo. Junto ao meu peito, carrego para sempre a mais bonita oferta em forma de contas azuis, que um ser humano me ofereceu: a amizade genuína de um coração humilde, mas grande como África!

Bazar=mercado onde se vende de tudo, desde fruta, especiarias, caju, etc.

Cocuana=velho

Capulana= tecido africano de algodão colorido

Embondeiro=árvore africana

Esteira=feita de palha entrançada, serve como tapete e cama

Matope=barro

Missanga=conta que pode ter várias cores

Mufana=rapaz novo

Palhota=casa africana normalmente feita de colmo e barro

Sapatilhas=ténis



Pediste: "Deixa-me ficar. Não me leves ao hospital", tranquila, respiração curta e sibilante. Pegaste-me na mão e olhei as mãos cruzadas, enrugadas pelos anos que juntos passámos. Alianças baças, trocadas há tanto, relembram: na vida e na morte e fiz-te a vontade, desistindo. Afinal, é contigo que todas as coisas começam e acabam. Sem ti, não haverá mais. Passámos os últimos dias como temos passado os últimos meses: um com

**«Não perguntei.
Ainda deitada,
inspiras,
concentrada,
lutando contra o
aperto que te cinge
o peito. Expiras com
a mesma dificuldade
e sorris. »**

o outro, um para o outro. Pouco nos interessa o que lá fora acontece. Os meninos estão longe, afundados neles mesmos e nas famílias construídas no caos, na babel em que o mundo se tornou. Não nos podem visitar e estamos em paz com isso. Ecrãs vão trazendo as gargalhadas das crianças que pouco recordam dos avós. Os avós somos tu e eu e estamos sozinhos, juntos, e juntos bastamo-nos. As rotinas preenchem-nos e a tua presença ilumina-as — estás comigo e isso chega-me.

Aos poucos, tornámo-nos mais calados, mas os nossos silêncios são repletos. Ter-te a meu lado aquece, olhar-te completa. Compreendemos. Percebi que te custavam pequenas tarefas. Perguntei, desvalorizaste. Tornou-se difícil vestir, tomar banho, comer, e hoje não saíste da cama. Não perguntei. Ainda deitada, inspiras, concentrada, lutando contra o aperto que te cinge o peito. Expiras com a mesma dificuldade e sorris. Nunca admitirás sofrimento, porque queres ficar. Sabes que, se te vir sofrer, não consigo. Então, lutas empenhada.

Preparo um caldo simples. Comes quase nada... "delicioso", sussurras e forças um pouco mais, para minha satisfação. Fogem-me algumas lágrimas nas tuas costas. Sei que o nosso tempo está a findar, percebíamos que ia chegar. Somos tão afortunados! Cinco décadas de amor: romântico, sensual, partilhado com a prole e calmo, por fim. Ser em ti e tu em mim. E tivemos tanto!

Consigo ouvir o sopro fino que o ar traz ao abandonar-te, aos poucos.

Visto um pijama confortável e sento-me ao teu lado na cama. Abro um livro, finjo ler, sinto-te mexer e espreito. Pousas a cabeça no meu colo devagar, tarefa pesada,



cansada. Exalas, chiando, com prazer que reconheço entre as rugas que adornam os olhos que me guiam pela vida. Não choro. Sentirias as lágrimas, tantas as que guardo emparedadas pelo pânico de te perder. Também tu sofres e não choras, não lamentas. Sinto-te aliviada na agonia física que te leva. Colocas a mão sobre a minha pele, o teu calor no meu peito. Quente ainda, apesar do gelo que te azula os lábios, essa fatalidade que se espalha desde o teu centro e que te leva. Prendo a tua mão com a minha, quero-te quente mais tempo. Quero-te mais tempo comigo...

A tua respiração é agora superficial, já não consegues lutar, e pouso o livro — não é altura

para farsas. Procuro o teu olhar, que abres para me ver, por uma última vez. Murmuras, "amo-te", entre suspiros. "Também te amo", respondo, tão baixinho como tu. Sei que me ouves. Sei que me sentes. Palpito, acelerado sob a palma da tua mão, que seguro ainda por teimosia. Escorregas-me. Não respiras. E usas a pouca força que tens para aparentar paz, a paz que me queres dar.

Foste e não te quero largar. Posso chorar, mas não quero, não quero poder chorar. Quero-te aqui e já não estás. Contigo foram todas as razões. Contigo foram todas as cores.

Que mais resta fazer agora? Agora, espero. Não demoro.

O ATAQUE AO SR. DICIONÁRIO

ALEXANDRA
DUARTE



*Vejam só o que aconteceu
A caminho do museu
Atacaram o Sr. Dicionário
Mas quem foi o salafrário?
Chamem já uma ambulância
Isto é de extrema importância*

A velha senhora Lista Telefónica foi a primeira a chegar ao telefone. É verdade que já não tinha a agilidade de outros tempos, e que até já estava reformada, mas telefones era com ela. Ligou para o 112 e, minutos depois, os paramédicos chegaram ao local. Levaram o Sr. Dicionário na ambulância e correram para o hospital.

Abram alas, abram alas, temos um paciente amputado! Chamem já o senhor doutor, de seu nome Beija-flor, para tratar o acidentado.

Sem demoras chegou ele, um Manual de Medicina com 750 páginas e muitos anos de serviço.

— Ora então diga-me Sr. Dicionário, o que é que lhe aconteceu?

— Doutor, nem sei que lhe diga, estou sem palavras! — respondeu aflito.

— Tenha calma e explique como puder — continuou o médico.

— Não senhor Doutor, o que quero dizer é que estou mesmo sem pa-

lavras, especificamente entre o F e o G; passei de *futebolista* a *gafanhoto*, valha-me Santo Alfabeto, veja só as palavras que me roubaram, uma folha inteira! Fosse eu mais novo e tinha-me defendido, mas já estou velho. Imagine: eu ainda sou do tempo em que filosofia se escrevia com ph!

*Oh desgraça desgraçada
Uma folha arrancada
Que coisa tão inquietante
Será preciso um transplante*

— Procurem em todo o lado — disseram os médicos. — Bibliotecas, livrarias, alfarrabistas, quiosques... Precisamos de um dador! Entretanto, chegaram ao hospital pilhas de livros — amigos, parentes e colegas de trabalho do Sr. Dicionário. Dirigiram-se à sala de espera e esperaram, pois era para isso que a sala servia. Esperaram notícias e partilharam preocupações. — Ai, ai — disse alguém — ainda não acredito no que aconteceu! Estou tão aflito, angustiado, apouquentado, apreensivo. Diria até inquieto, preocupado...

Calou-se, de repente, quando sentiu os olhos dos outros livros postos nele.

— Desculpem, lamento, perdoem-me — disse a corar. — Não posso evitar, não consigo impedir, nem conter-me! — sou um dicionário de sinónimos! — Aprendi tanto com ele — choramingou uma obra de ficção, um romance premiado. — Não seria o livro que sou sem as suas palavras. Estava ali com a sua filha pequena, uma tabuada. Perante os olhares curiosos, a obra esclareceu: — Sai ao pai, um livro de matemática.

Chegou logo a seguir um amigo de longa data, um livro de fotografia, onde estavam reunidas as melhores imagens do ano. Edição limitada, de capa dura e digno das estantes mais ilustres, trazia os dois filhos consigo, Pincelinho e Água-rela, dois pequenos livros de colorir com um par de lápis de cor colados na primeira página. Não paravam quietos e pintavam as costas um ao outro.

— Estejam sossegados, isto é um hospital! — ralhava o pai.

«Um livro de culinária, de seu nome D^a Hilária, conheceu o Sr. Dicionário nos tempos de juventude. Consta até que ela lhe ensinara algumas palavras, de modo a enriquecer o vocabulário gastronómico.»

Tivera que levar as crianças consigo porque a mãe estava ausente — era um guia de viagens. Como se imagina, passava pouco tempo em casa.

*No meio de tantas folhas,
Capas, abas e lombadas
Chegou também ao hospital
Uma das ex-namoradas*

Um livro de culinária, de seu nome D^a Hilária, conheceu o Sr. Dicionário nos tempos de juventude. Consta até que ela lhe ensinara algumas palavras, de modo a enriquecer o vocabulário gastronómico. A sua especialidade eram as receitas tradicionais, das entradas às sobremesas, passando pelas sopas e pelos pratos de peixe e de carne. Ah! Sem esquecer os pratos vegetarianos! — Valha-me Santa Colherada e Nossa Senhora das Receitas Escritas à Mão! O infeliz, não esta-

» mos seguros em lado nenhum! Lembro-me de algumas amigas a quem aconteceu o mesmo. Arrancavam-lhes as folhas porque queriam guardar as receitas! Custava muito escrevê-las? Se era tanta a preguiça de pegar numa folha e num lápis, como é que haviam de fazer molho de tomate caseiro, era mais fácil comprar enlatado, não era?

«Se depressa o disseram, mais depressa o fizeram; Malagueta e Alforreca dirigiram-se à biblioteca para estudar a cena do crime, entrevistar testemunhas; enfim, para apanhar os vilões que andavam por ali a arrancar as folhas de livros alheios. »

Entretanto, chegou também a polícia: o inspector Malagueta, um experiente livro de Crime e Investigação, e o agente Alforreca, acabado de sair da academia, era ainda um livrito de Novas Técnicas Policiais.

— Doutor, podemos falar com o paciente? — questionou o polícia. — Precisamos de esclarecer algumas questões.

— Muito bem, mas não demorem.

— Sr. Dicionário pode dizer-nos o que aconteceu? — interrogou o inspector.

— Resolvi sair da minha estante, Senhor Agente, para ir dar um passeio; pensara ir até ao museu, fica mesmo ao lado da biblioteca. Há tanto tempo que ninguém me consulta. Há prateleiras, veja lá, que é um «entra e sai» todos os dias: os policiais, os romances, os autores consagrados, todos sempre a vadiar. Eu estou obsoleto e não saio do mesmo sítio. Achei que não havia perigo, até evitei os bairros mais perigosos, como a secção dos livros de terror.

— E depois, conseguiu ver quem o atacou? — perguntou o agente novato Alforreca.

— Foi quando passei perto da secção da banda desenhada — a voz fraquejava ao Sr. Dicionário.

— Nunca os tinha tomado por malfeitores.

— Pois sim. Já ouvimos falar no gangue da Banda Desenhada, passaram de miúdos traquinas a delinquentes. Uma tristeza. Iremos ao local onde ocorreu o delito e depois daremos notícias — terminou o inspector.

Se depressa o disseram, mais depressa o fizeram; Malagueta e Alforreca dirigiram-se à biblioteca para estudar a cena do crime, entrevistar testemunhas; enfim, para apanhar os vilões que andavam por ali a arrancar as folhas de livros alheios. Lá chegados, começaram a investigação.

*Passaram pela secção de história
Onde todos têm boa memória*

— As histórias que lhes posso contar, Senhores Agentes — dizia um livro de História de Portugal. — Nem queiram saber. Ora bem, tudo começou em 1143...

Os polícias olharam um para o outro e pensaram que, tão depressa, não saíam dali.

— Não, desculpe — interrompeu o inspector. — O que queremos saber é se o senhor viu alguma coisa ontem, sobre o ataque ao Sr. Dicionário.

— Ah, pois, ora bem, se adoptarmos uma abordagem histórica, digamos assim, sobre a noite de ontem... não, não vi nada.

Desapontados, os polícias seguiram caminho.

*Revelou-se uma grande asneira
Ir à secção de língua estrangeira*

— Assim vai ser difícil, chefe — observou o Alforreca. — Tanta língua misturada, não conseguimos perceber nada.

— Tens razão — observou o inspector. — Não conseguimos arranjar testemunhas credíveis... Já sei! — continuou. — Vamos até à secção policial, tenho lá uns amigos, profissionais e amadores. São livros de detectives, polícias e afins, com quem trabalhei há vários anos.

*Na secção policial
Foram muito bem recebidos
Resolviam enigmas e charadas
Sempre muito divertidos*

— Então Malagueta, o que te traz por cá? — Um velho livro de detectives deu um abraço ao seu amigo.

— Olá, olá — respondeu o inspector. — Preciso de umas informações. Sabes alguma coisa sobre o ataque ao Dicionário?

— Ora bem, não é segredo, diz-se por aí que uns rebeldes da banda desenhada andam a aterrorizar algumas secções da biblioteca. Connosco não se metem, mas atacam os mais vulneráveis, livros de poesia, de auto-ajuda. Olha, tenta falar com as enciclopédias, são umas sabichonas e, entre todos os volumes, não há nada que não saibam.

De repente, ouvem gritar:

— Socorro, acudam! — Um livro infanto-juvenil repetia, apavorado. — Socorro, estão a atacar-nos!

Sem hora nem demora, Malagueta e Alforreca correram em direcção à secção de literatura para crianças. Em bom momento chegaram, pois as bandas desenhadas tentavam sequestrar um livro infantil!

*Malagueta e Alforreca apanharam
os malfeitores*

*Não passava, afinal, de um grupo
de amadores*

*Foi o fim do gangue da banda desenhada
E fica, assim, a história acabada*

Mas acaba a história como? Então e o Sr. Dicionário? Sobrevive, morre de vez ou fica para sempre desfolhado? Corramos até ao hospital para saber as novidades.

Oh céus, que alegria! Valha-nos São Papiro e Nossa Senhora das Folhas Impressas! Encontraram um dador! Um dicionário novato, por pouco sobrevivera a um incêndio. Ficara sem metade das folhas, não podia ser recuperado; no entanto, a folha entre *futebolista* e *gafanhoto* estava intacta e o dicionário desfalecido ficou muito feliz por doá-la e por saber que esta continuaria a viver no corpo do Sr. Dicionário. Como é bom ler um final feliz!

*Quanto a mim, continuo
Na minha amada biblioteca
Fico empoleirado na estante
Depois desta história excitante
Faço rimas de noite, faço-as também de dia
Que mais posso eu fazer?
Sou um livro de poesia*

*A pedido da Autora, este texto não segue a
grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.*

SOLDADINHOS DE PAPEL

NUNO
GONÇALVES



— **P**um, pum! Aaaaahhh! E assim, uma vez mais, os valentes soldados portugueses derrotam os seus malvados inimigos.

— Joaquim, despacha-te! Já acabaste de arrumar o quarto ou precisas da ajuda do meu chinelo?

Ups.

— Estou quase a acabar, mãe.

Não está, não. Está tudo em grande desordem, mas não lhe contem, por favor. O que aconteceu foi que, quando ia arrumar os meus soldadinhos de papel na caixa de sapatos, eles começaram a lutar e eu tive de os ajudar a terminar a batalha. Os portugueses venceram, como sempre. É melhor arrumá-los separados, senão, quando voltar a abrir a caixa, vou encontrar os soldados inimigos todos destruídos.

— Quase, mãe — grito, para tentar mantê-la no piso de baixo. A ela e ao seu chinelo.

Um dia, eu também hei de ser um soldado. Um soldado verdadeiro, com uma arma e tudo. E ir para África lutar pelo país. E voltar para casa com muitas medalhas!

— A descer, mãe.

Ela não responde, o que é estranho, porque normalmente diria "Já não

era sem tempo", ou "Vou já ver se está tudo em ordem."

Sentado à mesa da sala, está o meu irmão. É uma grande surpresa para mim e atiro-me para os seus braços. Bem, eu sei que sou grande demais, já com sete anos, para me abraçar a ele, mas o meu irmão é quase um soldado de verdade, e eu já não o via há alguns meses, porque tem estado na recruta. E tinha saudades.

Ele abraça-me também, mesmo já sendo crescido o suficiente para fazer a barba.

— Já voltaste, Tone! Queres vir brincar comigo?

Ele não responde. Quando olho para a sua cara, reparo que está a chorar. Vocês não percebem, mas o meu irmão não chora. O meu irmão é muito forte e valente e nunca chora. Não sei o que lhe perguntar e olho para a minha mãe, que também está a chorar. Bom, mas a minha mãe farta-se de chorar. Basta eu rasgar umas calças para lhe encher os olhos de lágrimas.

O meu irmão lá consegue falar, finalmente.

— Vim despedir-me, Quim. Vou para a Guerra.

E diz "guerra" com a voz muito fraquinha, como se não quisesse ir, como se lhe custasse e tivesse medo.

Impossível. O meu irmão não tem medo de nada!

— Para a Guerra? Ei, Tone, vais ter uma arma verdadeira! Deixa-me ir contigo, leva-me na mochila. Prometo que como pouco. Prometo que vou ser valente e que-

Ele abraça-me com muita força e não consigo dizer mais nada. Depois, solta-me e abraça a minha mãe. Demora imenso tempo e começo a achar que ele vai perder a boleia para a Guerra. Lá se conseguem soltar e ele sai de casa. Ficamos a vê-lo. Não olha para trás, até chegar à mota do primo Cino que, pela roupa, também deve ir para a Guerra com o meu irmão. O Cino também não olha para nós. Está só a fitar o chão, muito concentrado.

Estou muito feliz pelo Tone. Muito feliz, só não percebo porque também eu estou a chorar e alguma coisa me ficou entalada na garganta e não lhe consigo gritar nada enquanto aceno.

— Adeus, Tone, quando voltares vais ter muitas medalhas!

Era o que eu gostava de lhe ter dito, mas não digo nada.

Não sei bem o que faça com a minha mãe. Está na cozinha a cortar batatas com muita força, como se elas tivessem culpa. O mais prudente é deixá-la sossegada e ir para o meu quarto.

Volto a tirar os soldados da caixa de sapatos. Eu sei que acabei de os arrumar, mas eles devem estar impacientes para voltar a combater. Um deles salta logo para o chão. É um dos portugueses, o mais alto. Vou dar-lhe o nome do meu irmão. Mais nenhum tem nome, são só soldados, mas este será o Soldado Tone. O mais forte e valente de todos.

Os portugueses reúnem-se no chão, penso que estão a preparar o próximo ataque. Parecem um pouco distraídos, pois não se apercebem que, em cima da cama, os inimigos lhes preparam uma emboscada. Terão a vantagem da surpresa e da altitude. A minha mãe também me diz mui-

**«Ele abraça-me
com muita força e
não consigo dizer
mais nada. Depois,
solta-me e abraça
a minha mãe.
Demora imenso
tempo e começo
a achar que ele
vai perder a boleia
para a Guerra. »**

» tas vezes que eu tenho de subir na vida, porque de cima se vê melhor do que de baixo. Os soldados sabem.

Digo-vos que, desta vez, foi por pouco que os portugueses não foram completamente destruídos. Se não tivesse sido o Soldado Tone a aperceber-se da chegada dos inimigos, teria acabado muito mal. Felizmente, os portugueses voltaram a vencer.

Volto a arrumá-los. A minha mãe não grita por mim há bastante tempo e estou a ficar preocupado.

Encontro-a na cozinha, rodeada por batatas mal descascadas, a sangrar de uma das mãos.

Tenho sete anos, quase oito, por isso consigo resolver tudo. Embrulho a mão dela num pano e vou tentar acabar de descascar as batatas.

Depois, quando a consigo convencer a sentar-se à mesa comigo e a trincar qualquer coisa, decido que tenho mesmo de aprender a cozinhar, para não voltar a comer batatas cruas e insossas.

Ela pede-me para dormir com ela. Sou muito crescido para isso, mas soube-me bem. Não conto aos meus amigos, por favor.

Dois dias depois, um par de homens de fato preto bate à nossa porta. Dizem coisas muitas estranhas que eu ouço por detrás da minha mãe. Algo assim:

— O recruta António Joaquim está aqui?

Claro que não. Foi para a Guerra. Eles continuam:

— Ele não se apresentou no Quartel, conforme as ordens que tinha. Temos de nos certificar que não se encontra nesta casa.

Não se apresentou, porque se calhar foi direto para a Guerra e já lá está, em África, a lutar. A minha mãe ralha com eles.

— Nem pensem que podem entrar em minha casa. Nem pensem. Corro-vos já à vassourada

«Algo estranho se passa no meu quarto. Encontro os soldados portugueses todos encolhidos atrás do guarda-roupa, e os inimigos estão espalhados pelo quarto de armas em punho. Não sei do Soldado Tone. Não o vejo em lado nenhum, não está com os amigos, nem na caixa. Fico preocupado, mas acho que ele só está à espera da melhor altura para atacar. »

— é muito boa com a vassoura, a minha mãe.
— Vêm cá dizer-me que perderam o meu Tone, perderam o meu menino, e agora a culpa é dele? Ou minha, que o esconde? Ora, volte a pôr aí o pé que vai ver se não lhe acerto.
Não sei qual é o tipo de treino que têm homens de fato preto, mas não me parece que estejam preparados para lidar com a fúria da minha mãe. Eles lá sabem. O que lhes vale é o senhor Padre, que, entretanto, aparece de braços abertos e abraça a minha mãe.
— Oh, senhor reitor, eles perderam o meu menino — diz ela, de cabeça escondida no peito dele.
— Dona Idália, deixe lá os senhores entrarem. Eles prometem ser rápidos, não prometem? E farão tudo para encontrar o Tone.
Os homens entram calados, meios encolhidos, passeiam dentro de nossa casa, a espreitar por todo o lado. Quando saem, o mais gordo diz:
— Lamento, Dona Idália. Ninguém merece ter um desertor como filho.
Não sei o que é um desertor, mas, não fosse o senhor padre agarrá-la, o gordo de fato preto teria levado com o cabo da vassoura na tola. Quando eles já vão longe, a minha mãe manda-me para o meu quarto, para ficarem a falar sossegados.

Algo estranho se passa no meu quarto. Encontro os soldados portugueses todos encolhidos atrás do guarda-roupa, e os inimigos estão espalhados pelo quarto de armas em punho. Não sei do Soldado Tone. Não o vejo em lado nenhum, não está com os amigos, nem na caixa. Fico preocupado, mas acho que ele só está à espera da melhor altura para atacar. Há de voltar, tenho a certeza.

Quem volta é o meu pai.
Chega de surpresa, um dia em que já estamos sentados para jantar. Nem a minha mãe sabe e quase vai parar ao chão. Quer ralhar com ele, mas não consegue. Acho que está feliz. Não a vejo feliz há muito tempo. Fica bonita.
Ela resmunga que não tem comida para ele, mas logo se arranja qualquer coisa e sentamo-nos os

três à mesa. O meu pai tem muito para dizer.
— Não podem contar nada disto a ninguém. Combinado, Quim? Nem na escola, nem em lado nenhum. Nada de nada. Sim, rapaz?
Digo que sim. Sei guardar um segredo. Os soldados têm muitas vezes de guardar segredos e eu sou muito bom nisso.
— O Tone chegou a França.
A minha mãe quase cai outra vez.
— Então, Dália? Aguenta-me, mulher. Ele está bem. Ele e o Cino. O meu patrão arranjou-lhes quarto e trabalho. Não te escrevi porque... tu sabes. Os envelopes são fáceis de abrir. Não sabes nada sobre onde está o teu irmão, percebes, Quim?
— Sim.
Mas não percebo nada. Então, o Tone fugiu mesmo da Guerra e não quis ser soldado? Não quis lutar pelo país, pela honra de Portugal? Combater o inimigo e ganhar medalhas? Disparar armas verdadeiras? Teve medo? O meu irmão é um covarde? Faço essas perguntas todas. Todas de uma vez, umas em cima das outras. O meu pai não responde logo. Mastiga, pensa e responde, por dentro da barba cinzenta.
— O teu irmão é muito valente. Não voltes a repetir isso. O nosso país ia mandar o teu irmão para que fosse morto numa guerra estúpida. Para ir matar gente sem saber porquê e ele recusou.
— Para ir matar os inimigos!
— São pessoas, Quim.
Ainda não percebo. Mas o que eu já sei muito bem é que há alturas em que me devo calar, e esta é uma delas.
Não volto a abrir a boca até voltar para o meu quarto. Não imaginam o que lá encontro. Os soldados estão todos sentados numa grande roda. Todos, todos. Portugueses e inimigos. Sentados a conversar, com as armas pousadas. Até se estão a rir, uns com os outros, acho eu. Não me ligam nenhuma quando lhes digo que deviam estar a combater. Levantam-se e saltam pela janela. Alguns acenam-me, outros limitam-se a ir.
Fico sozinho no quarto.
Arrumo as armas na caixa de sapatos.

OPERAÇÃO POÉTICA ESPECIAL

COBRAMOR



Cobramor é o pseudónimo literário de Hugo Filipe Lopes, praticante de poesia vadia, escritor amaldiçoado, de alma Beatnik, espírito libertário e inspiração mística. Formado em sociologia, nasceu na década de 70 numa Lisboa há muito desaparecida e emigrou recentemente para o sul profundo para tentar viver deliberadamente. Premiado no concurso Lisboa à Letra e mencionado no concurso de poesia da Casa da Moeda, fez também traduções literárias de nomes como John Zerzan, Robert Frost, Patti Smith ou Bill Wolak. Publicou o seu primeiro livro, "O fim da noite" em 2016 pelas publicações Nabo e o seu mais recente trabalho, "Sol Invicto", pela editora Traça. Tem participações em diversas revistas e eventos literários, encontrando-se de momento numa digressão literária pelos sítios prováveis e sobretudo pelos mais improváveis. Brevemente conhecerá a luz do dia o seu primeiro livro infantil, "O atlas do coração". Está sempre aberto a propostas e parcerias, de preferência, indecentes, improváveis e até inacreditáveis.

vejo o poema criar-se
do levante que o ateia
faz-se insígnia errante

saca do revólver
activa o cão
carrega o tambor
na expectativa o canhão
descarrega

não das veias
mas recruta o sangue
oculto penetrante
que se transmuta em seiva

o avanço dos fluídos
que a vida exsuda
superior ao fornicançaço
o ofegar desse movimento maior
que a carne em arrebatamento

o monumento
não só de cimento
o divino que se expõe
nos fragmentos do tempo
caveira de cristal
canta liberdade terminal
resiste somente
o comovente & extraordinário

poder.bélico.decisivo.
declaração de guerra frontal-fatal-vital-total
ou a paz que não se demora
o crente que não ora
o ser fora de si

a palavra
no átomo que o constitui
que o destrói
que o institui
que se reconfigura
delibera se dura
se depura ou transfigura
em excremento
ou no momento
duradouro

a serpente só
solta a pele exígua
ciciando contígua ao osso
colosso **primordial**



Jackson Pollock - Red, Orange, Yellow, and Black Drip Painting, 1951

RESISTENTIA POETICA

PAZ

ANA
RIBEIRO

Paz, que o hálito da morte leva.

Paz, que o vento da esperança traz.

Paz, que o sopro do ânimo eleva.

Paz, que a beleza dos dias refaz.

A vida sem paz, o que seria, senão preta e branca, intempestiva?

A vida sem paz o que seria, senão uma desgovernada locomotiva?

Paz para existir e, sobretudo, para viver.

Paz para respirar uma mão cheia de sonhos, sem medo do que tiver de ser.

Paz para ti, para mim e para nós.

Paz como repto, como mote e como **VOZ.**



PAZ, PELA VIDA

ANA
SILVA

Paz, o que entenderes

Começa, ou recomeça se for preciso. Acolhe a diferença, abraça causas, levanta o braço e diz que és capaz.

Paz, o que souberes

Olha à tua volta, escuta, compreende. Supera-te a cada novo dia, promete ficar para ajudar.

Paz, o teu melhor

Sem vergonha de chorar. Com coragem para ter medo, jura que nunca serás indiferente.

Paz, o que acreditas

Sem julgar quem não te segue. Mesmo que atraveses desertos, protesta, sem reservas, contra as injustiças.

Paz, o que é preciso

Sem mágoa do que não foi feito. Acredita na força da tua voz, nunca deixes de dizer: — Basta!

Paz, mais e melhor

Sem falsas promessas.

Não esperes saber sempre o que fazer, mas aparece também nos dias tristes.

Paz, pelos outros e por ti

Partilha abraços, espalha a esperança, perdoa. Cuida-te!

Faz!

E volta a prometer que nunca serás indiferente ao **sofrimento.**



Rasga-me

a paz deserta na qual me deito
num amargo afago que me consome.

Os gritos que a noite abafa são meus,
a insónia sobre a almofada
pertence-te.

Nenúfar algum poderá suportar
o peso da saudade
que só o dia disfarça.

Quando os teus lençóis me veem,
engolem a minha triste certeza
dos outros corpos que contigo dançam.

E mesmo assim regresso a essa amada **aridez.**



Amo-te

Na imponência do teu porte
No torneado macio de teus braços roliços
Na beleza de teus seios frutos pendentes
No encanto da tua diversidade.

Amo-te

Porque te sei forte

Porque teus braços florescem

E teus seios frutos se renovam

Em sementes de eternidade

Amo-te

Nas curvas de teu ventre cheio

Na sensualidade com que abres os braços

Na sombra acolhedora

Ao meu ser caminhante.

Amo-te

No teu renovar, quando por ti o céu chora

Num renascer do vigor perdido

Fazendo primaveras nos aguaceiros da vida

E na aridez que mandas embora.

Amo-te

Nos novos frutos que me dás

Na tenacidade com que manténs

O apego à vida sempre inteiro,

Com a tua beleza fazendo reféns

Os que te amam... **Embondeiro!**



A PAZ TRAVESTIDA

CARLOS
RODRIGUES

Uma criança brinca com um carrinho
quando chegam mais três crianças e a rodeiam num círculo.
E mais seis, e mais nove.

E vão formando um círculo tão grande
que já passa para lá do jardim
onde a primeira criança
brincava sozinha com um carrinho.

Um círculo colorido
com uma roda de cada cor
e as sete cores do arco iris.
Juntou-se uma multidão a ver o que se passava.
As crianças iam chegando,
mais e mais,
com os cabelos coloridos
e os olhos a brilharem de uma alegria contagiante.
Chegaram bandas de música de bonecos animados.
Um hipopótamo, que tinha sido eleito o maestro,



caiu para trás,
num movimento de batuta menos ensaiado,
que provocou uma gargalhada geral.
Teve de ir quase metade da banda buscá-lo.
O terreno era inclinado
e o maestro rebolou até um pequeno lago
de onde os peixes ainda conseguiram saltar a tempo.
Era a união entre Deus e os homens.
O lugar da Luz.

Noutra zona do planeta
outra criança brincava com um carrinho
quando chegaram mais três crianças,
em carrinhos de guerra,
de rodas grossas, de lagartas, com canhões incorporados.
E mais doze e mais vinte e cinco e mais cem.
E fizeram um quadrado enorme
numa zona inóspita,
onde não nasciam flores, e não havia vida.
Só fome de matar.

Uma figura sinistra e assustadora
flutuava entre o céu e a terra,
comandante de um exército que parecia não ter fim.

As armas de guerra
apareciam de todo o lado,
como se o inferno tivesse aberto as portas
e o diabo estivesse a escolher as suas tropas.

Numa imagem colorida,
os peixes correm para o pão que lhes atiram
e as árvores estão quietas.

Uma criança loira, deitada na relva, recebe o Sol nos **cabelos.**

CAI NEVE EM BAKHMUT

CARMO
MARQUES

Cai neve em Bakhmut
os pés queimam e ela caminha
sem saber para onde vai
indiferente às bolas de fogo
que silvam sobre a sua cabeça.
Estrondeiam escombros
de onde surgem espavoridos
esqueletos de velhos
como ratos assombrados

cai neve em Bakhmut
os pés queimam e ela caminha.
Um braço hirtó de cadáver sem nome
sobressai no manto branco
como se fora um sinal da estrada
que antes era ali, mas já não é.
Perdeu o rumo, tal como ela

eu volto, mãe. Não te preocupes,
volto logo!

cai neve em Bakhmut
os pés queimam, ela caminha
e sabe. Sabe o que não quer saber:
o filho, corpo incógnito, jazendo
na escuridão da vala comum
onde se emudeceram todos os gritos
de dor, desespero, raiva ou glória



Fotografia de Carmo Marques

cai neve em Bakhmut
os pés queimam e ela caminha.
Leva os olhos turvos de espanto
e, nos braços, o neto, apertado ao peito.
Procura aquecer-lhe a esperança.
Olha-o, sorri e só então vê
que metade do seu rosto pinga,
massa informe, sangrenta

cai neve em Bakhmut
os pés queimam, ela não sente,
não caminha. Soçobra,
mácula incrédula a perturbar
a gélida lonjura do chão

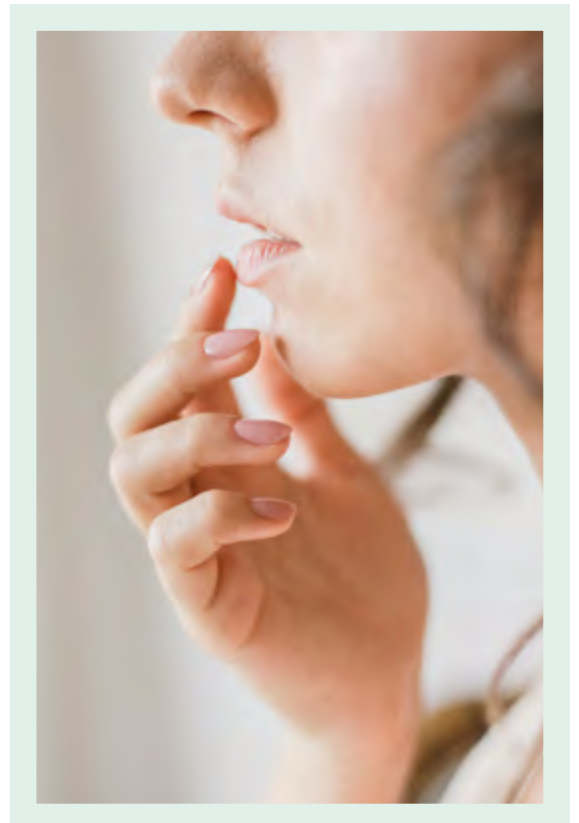
quem lhe roubou a paz?

cai neve em Bakhmut
só o uivo do vento se faz **ouvir.**

OS SOCALCOS DA PAIXÃO

CIDÁLIA
SANTOS

Pelo vento da poesia arrombaste as fragas da minha solidão,
Os teus dedos descortinaram o silêncio dos meus olhos,
Os morangos respiravam ofegantes nos nossos lábios,
A paixão da tua língua irrompia nos socalcos do meu corpo,
O meu sorriso deleitava-se no teu peito,
As veias do carinho pintavam memórias no nosso outono,
Mergulhemos, meu amor, na paz pela qual tanto **suspirámos**.



A GAVETA DOS EFÉMEROS

CLÁUDIA
PASSARINHO

Abro a gaveta da pequena cómoda.

Range.

As roldanas roçam nas corrediças gastas.

Espreito, curiosa, para dentro e observo a solidão das meias,
numa solicitude partilhada por pares, unida pela cor.

Mostram traços da idade,
reflexos do medo,
a perda da tonicidade,
da cor da juventude.

Verto os dedos sob as costuras, o olhar sob o volume
e evito pensar se um dia irão ruir,
em gritos de desunião,
em sorrisos desbotados,
em malhas deslocadas,
conscientes da sua escassa utilidade.
Como nós, simplesmente **efémeros.**



Fotografia de Miguel Gago

A guerra é dura
Mas é mais duro viver sem liberdade
Já diz o ditado
Melhor morrer livre
Do que viver amordaçado
Em 24 de fevereiro
O meu mundo parou
Entraram tanques, mísseis,
Homens fardados
A guerra começou
Quero liberdade
Quero acordar sem sentir frio
Sem ter fome
Ou medo do vazio

O que é feito do meu irmão, pai,
Mãe, marido e filho?
Todos se foram
Todos querem liberdade
Porque pode morrer tudo
Mas que nunca morra a verdade

Por isso lutarei
Até que me morram as forças
Porque só eu sei
Que armas e forças
Não fazem lei
E peço a ti, mundo
Para que me ouças
Para que possa ser livre outra **vez.**

Poema dedicado à Paz na Ucrânia.



Onde estás?

Procu-ro-te nas ondas e marés,
Na água salgada das lágrimas derramadas,
Nos rios e riachos que desaguam nas mágoas da maresia.

Onde estás?

Procu-ro-te nas palavras errantes,
Nas palavras engolidas que provocam indigestão
E corroem as veias e artérias do coração.

Raios! Onde estás?

És invisível aos olhos?
Intocável às mãos?
Sem cheiro ou gosto?

Onde estás?

Procu-ro-te na imensidão dos dias,
No céu estrelado,
Nas nuvens, disfarçadas de personagens.

Onde estás?

Procu-ro-te no nevoeiro dos pensamentos,
Na loucura dos sonhos sonhados
Com os olhos abertos à vida sem sentido.

Ouves-me?

Onde estás?

Procuro-te nas músicas que me estremecem,
Que vibram na pele como um raio,
Nos beijos e abraços guardados no baú,
Na lassidão do sexo e das carícias.

Que desespero! Não te encontro!

Onde estás?
Procuro-te nos livros lidos e imaginados,
Nos romances, nos contos, na poesia,
Nas linhas e entrelinhas da fantasia.

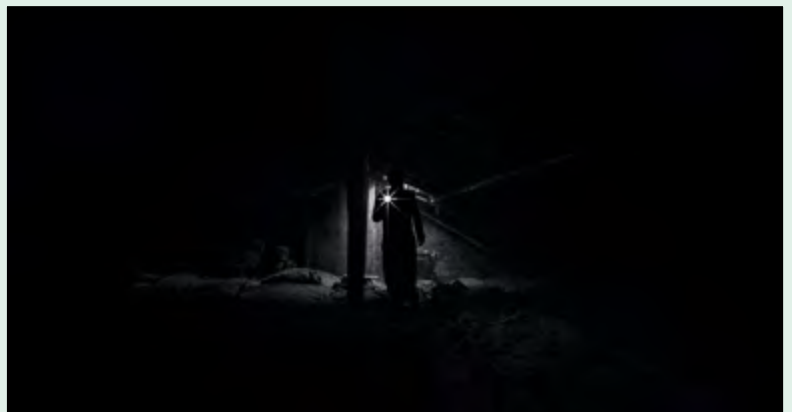
Sorrio, rio e dou gargalhadas.
Estás aqui ou escondeste-te no silêncio do nada?

Paz, onde estás?
Preciso de ti, mais do que de alimento, mais do que de ar.

— Estou aqui!

— Onde?

— Dentro de **ti.**



RESISTENTIA POETICA

AISHA

JOSÉ
MENDES

é uma menina que vive
numa aldeia varrida por tempestades,
mesmo sem rio ou mar.

As cabras dóceis pastam no tempo.
A linguagem da tristeza instalou-se.
Os sorrisos perderam o seu poder redentor.
Só há pedras fustigadas pelo vento.

Numa boneca com um braço perdido,
inventam-se mundos, criam-se enredos
onde brincam meninas de cabelos doirados e um olhar feito de mar.

Num livro, em que só os bonecos disseram presente,
as letras perderam a voz. Fugiram para outras longitudes
onde as casas
têm brinquedos a rodos,
luzes nas árvores,
sobejos imensos de pão.

Os tapetes semeados na terra batida

enganam o frio escorrido de um céu
com milhões de pontinhos luminosos,
sorridentes nas noites sem luar.

Na escola, as janelas não têm vidros.

O vento entra para logo sair.

As portas não têm fechaduras.

Entra quem quer, mesmo que não venha por bem.

Os bancos são invenções em blocos de barro.



Fotografia de José Mendes

Mãos pequeninas e frágeis moldaram-nos com a massa
feita de terra escura e a pouca água que sobeja.

Escassa é a chuva,
raramente cai do céu.

Do breu da noite,
saem homens armados.

O barulho ensurdece.

Tubos metálicos expelem fogo,
queimam sonhos,
destroem a casa, derrubam a escola.

Os bancos frios, inventados em blocos de barro,
ficam espalhados em aflita anarquia.

As montanhas escuras perdem o poder de abrigo.

Aisha, com outras meninas,
com outros meninos,
foge dos homens armados,
num barco cansado e velho,
com lapsos no seu navegar,
vai à procura de um país que ainda tenha sonhos para perseguir.
Encontra-o,

longe,
onde o escuro é pincelado de mil cores,
as plantas libertam cheiros de tomilho e alecrim.
as montanhas são de sol,
a terra chega ao fim
e vai cair inteirinha nos braços tranquilos e doces do **mar.**

FINDING NEVERLAND

MARGARIDA
CORREIA

Não sei onde te perdemos:

se na curva, por não ser reta

se na reta, por não ser curva.

A memória guarda futuros

balanceados nos teus pés,

ainda que ande às voltas

numa espiral na senda do branco

sem encontrar, sequer,

uma qualquer cor do arco-íris.

Soltas o vento que apontamos

às mãos dos outros,

na esperança de reconhecermos o X

no mapa desordenado,

escondido no pó que trazes no corpo.

E vais somando ramos de oliveiras

que enrolas aos dedos,

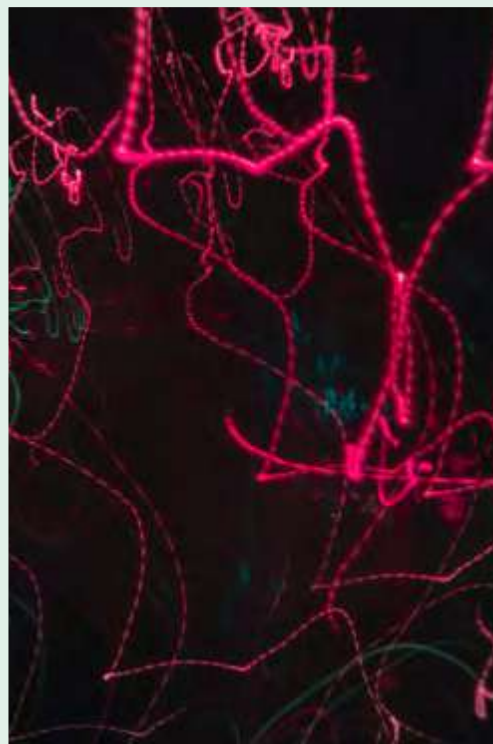
nessa persistência tão tua.

Quase como um desassombro

vemos-te a todas as horas,

e, no entanto,

devemos-te as noites que não **dormes.**



SE EU FOSSE PEDRA

MARIA CELESTE
PEREIRA

Se eu fosse pedra
queria ser
a ardósia antiga
onde escrevi
pedrinha de jogar
com que brinquei
valado vestido de musgo
onde a luz é o luar.
Queria ser
estátua na cidade
e no museu
esfinge sem idade.
Se eu fosse pedra
queria ser banco
para descansar
e nunca pedra
de arremessar.
Queria ser
pedra preciosa
burilada e colorida
pedra do amor
agradecida.
Queria ser castelo
escadaria infinita
no firmamento
com o céu estrelado
e num momento
mesmo fugaz
que todo o ser fosse amado.
Se eu fosse pedra
eu queria ser:
O MARCO DA **PAZ**



UM RETIRO DE PAZ

MARIA LUÍSA
FRANCISCO

Caminhando entre o silêncio e a palavra

Num encontro com a voz da alma

Escutamos a natureza

Esboçamos suaves acordes

E no timbre de cada poeta

Somos a cor que cada um traz

Somos voz e somos pela Paz!

A luz que nos corre nas veias

Abre caminhos e esperança

Resplandece no abraço

Que partilha o melhor de nós

Iluminando já o reencontro a uma só **voz!**



RESISTENTIA POETICA

TEMPO

MARIA
SILVÉRIA

É veloz e corre rápido como uma criança,
Deixa feridas expostas que ficam abertas,
Anda mais devagar e traz-nos esperança!
Quero ir amando e fazendo descobertas.

Contigo, imagino paz, amor, magia e fantasia,
Um mundo com as cores do bonito arco-íris,
Ciência de mãos dadas com a escrita e poesia,
Um mundo envolto na beleza dos dias primaveris.

Que para as doenças haja sempre solução e cura!
Que os remédios sejam eficazes e façam bem.
Se for preciso aumenta-se o amor e a ternura,
Todos juntos podemos ir mais longe, mais além.

Oh tempo, ouve-me e que de nós te compadeças!
Guia-nos e chegaremos vivos e em paz a bom-porto.
Deixa que antecipadamente te felicite e agradeça
Penso em ti e, em tudo o que te peço, fico absorto.

Se achares que todos estes pedidos são de mais
Dá atenção à liberdade de pensar, ao amor e à paz,
Escrevo – te madrigais, e vou olhando os roseirais.
Por favor, não digas que sou frívolo mas algo **audaz.**



Até quando

Caminharemos alheios
aos sons do universo?

Florestas

Rios

montanhas

estrelas

vibrando em

harmonia

convidam-nos a perscrutar a nossa

essência

Enquanto o tempo
na quietude da sua marcha
nos agita

Até que o café saiba a

vida

A música cheire a

maresia

O ar tenha a maciez de

uma nuvem

A chuva nos ilumine como

uma candeia

As palavras conjurem a gentileza morna de

uma brisa

O sol

Nos aconchegue para além do entardecer
O trabalho seja uma dádiva de

Amor

O nosso caminho um pedaço do

cosmos

e

cada partícula do nosso ser
vibre

Em uníssono com o

infinito

Então
encontraremos a beleza da

Paz



SOMOS (IN)SUBSTITUÍVEIS

AMÉLIA
QUEIRÓZ

O fim das férias dos estudantes e professores coincide (não por acaso) com o fim do verão. O início do ano letivo calha (pela mesma razão) no início do outono. Este é, para muitos, o momento ótimo para mudar os móveis de lugar ou começar a trabalhar na biblioteca, testar uma nova dieta alimentar, inscrever-se no ginásio, aprender outra língua ou melhorar o inglês. Se calhar, desapegar-se do inútil e alistar-se no voluntariado. Enfim, concretizar as diversas ideias que advêm de uma vontade urgente de experienciar mais, viver de modo diferente, ser feliz. "Se eu não o fizer, ninguém o fará por mim." (A Ana é uma das minhas melhores amigas). Se a reunião adiar a caminhada ao fim da tarde ou o reencontro com os amigos, o ânimo não definhará, porque "Um dia não são dias". (Não liguei à Ana. A mensagem dela foi tão desalentada...)

Este trimestre tem sido impossível. Mas não há nada que se equipare ao Ano Novo e às novas resoluções. Aí é que vai ser! Não no dia um, porque ainda é festivo, mas a dois de janeiro vou ver nascer o Sol,



"nem que chovam picaretas". (Mensagem: "A Ana tentou suicidar-se." — A minha Ana?!) O miúdo ficou doente e não pode ir para a escola. Não faz mal. "Melhores dias virão" e esta virose não passará de sexta-feira. Espera. Na próxima semana também não dá. Vou para fora, por causa de uma conferência. Nem um furo para conhecer a cidade. (Não fui visitar a Ana ao hospital. Tenho de passar lá por casa...)

Vinte e um de março. Gosto desta data. Equinócio da primavera. Até o nome luz. Muda a hora, o tempo cresce — "Em março, tanto durmo como faço". Felizmente, as bilheteiras dos cinemas e dos teatros oferecem horários para todas as disponibilidades. Não existe razão para não se ver aquele filme imperdível. Bem, caso não consiga, sempre se recorre a uma qualquer plataforma streaming, embora não seja a mesma coisa. E é provável que La Féria reponha o musical numa versão mais modesta, nem que seja só em Lisboa. (Alguém me disse que a Ana tinha piorado. Preciso de a ver...)

Daqui ao verão é um saltinho e, sabe-se que, vindas as férias, quem não as goza agora trabalha por si e por quem as tirou. Somos insubstituíveis. (Nem ao funeral da Ana pude ir...)

Ainda assim, subsiste a intenção de condensar nelas os múltiplos anseios: levar os putos à *Disneyland*, fazer arborismo pela primeira vez, começar a escrever um livro, visitar familiares e amigos...

(Quem me dera que a Ana cá estivesse...)

...se o corpo e a mente não ficarem estirados à beira-mar ou no sofá a curar a culpa e a acumular energia para o novo ano letivo, que marcará, indubitavelmente, o(s) princípio(s) de uma nova existência. Nada nem ninguém impedirá que tal aconteça. Afinal, "a vida são dois dias". (Ana, tenho tantas saudades tuas!)

**«Se calhar,
desapegar-se do
inútil e alistar-se
no voluntariado.
Enfim, concretizar
as diversas ideias
que advêm de
uma vontade
urgente de
experienciar mais,
viver de modo
diferente, ser
feliz. "Se eu não
o fizer, ninguém
o fará por mim."
(A Ana é uma das
minhas melhores
amigas).»**

SALTANDO DO PARÊNTESES

OH, PÁ, RIAM-SE

ANA
COSTA



Poderia recordar aquele domingo apenas como o dia em que pela primeira vez passei de mota — de pendura, por ainda não saber conduzir —, no entanto, algo mais é digno de relembrar. Após alguns quilómetros, rechea-

dos de sensações despertadas pelo vento no corpo e empatia com todos os que se cruzavam nas suas motas, parámos, eu e o grupo de amigos com quem ia, nas termas. Aproveitámos para ir molhar as mãos num dos muitos pontos de onde brota a água quente e sulfúrea. Estava eu neste deleite, quando ouço um senhor, mesmo ao meu lado, de telemóvel ao alto, a dizer "Oh pá, riam-se!". Depres-

sa me apercebi de que procurava fotografar um casal, talvez os pais. O par, estrategicamente colocado junto à enorme rocha com uma fenda, da qual parecia nascer a água, permanecia de semblante carregado. Repetiu: "Riam-se!", quase como uma ameaça. Nenhuma expressão se alterava, ignorando o pedido. Levado ao desespero, o homem insistiu: "Riam-se!". Gerou-se ali uma tensão à qual não fiquei indiferente. Os olhos de ambos cruzaram-se com os meus. Sorri e atirei num tom jocoso: "Olh'ó passarinho!". Remédio santo. Sorriram para mim e a tão desejada foto foi tirada. "Obrigada!", agradeceu-me a senhora. Por entre as pessoas que ali havia, começou a andar para ir embora e, passando quase ao meu lado, disse de novo "Obrigada!", de uma forma tão intensa como o diria um naufrago ao pisar a terra.

Fiquei a pensar naquilo. Quem me conhece, sabe que ando sempre com um sorriso, graças ao qual até já tenho rugas de expressão, mas não me importo. Faz parte de mim e sai-me de forma natural. Talvez acredite que o mundo precisa de um sorriso e que, mesmo nos dias e momentos menos bons (pelos quais também passo), ninguém pode ficar sem ele. Mas nem toda a gente é assim, e também não tem de o ser.

De regresso à mota, com o vento a fazer-me dançar os cabelos e a voz da liberdade a aconchegar-me o peito, revi o episódio. Tento imaginar as razões pelas quais o casal estaria tão triste e sem vontade de sorrir. O que levava aquele homem a insistir num sorriso, de forma até um pouco ríspida? Pergunto-me quantas fotos existem repletas de sorrisos ocultos. Parece-me que vivemos num mundo do faz de conta, em que o que realmente importa é o que se mostra e não o que de verdade se é. Sorrir para a foto... que valor terá quando a paz e a alegria estão ausentes da vida?

Com a facilidade de que hoje dispomos para tirar fotos este ato tornou-se banal e todas as ocasiões se nos afiguram ótimas para o fazer. Uma fotografia é o registo de um instante. Li algures que a melhor é aquela que fica por tirar. Neste caso, presenciei e contribuí para que a melhor daquela ocasião fosse tirada. No entan-

to, poucas são as fotografias que guardo desse dia. Às vezes estamos tão bem, que nem apetece disparar nenhum *flash*, porque o momento fica gravado em nós de uma outra forma. Basta fechar os olhos e da memória nasce o sorriso para a imagem que nenhuma câmara poderá registar.

«Fiquei a pensar naquilo. Quem me conhece, sabe que ando sempre com um sorriso, graças ao qual até já tenho rugas de expressão, mas não me importo. Faz parte de mim e sai-me de forma natural. Talvez acredite que o mundo precisa de um sorriso e que, mesmo nos dias e momentos menos bons (pelos quais também passo), ninguém pode ficar sem ele.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

PAZ É ACONCHEGO

ANA
PINHEIRO

Há muito que escrevo, para mim, para ti, para nós.

Há muito que procuro, ao escrever, reconciliar-me comigo, contigo, connosco.

Há muito que espero, ao escrever, encontrar-me, encontrar-te, encontrarmo-nos.

Passeio-me longas horas na emoção, entre letras cruzadas, palavras unidas, no sofrimento esmagador que a tua ausência transporta, em mim, em ti, em nós.

Recordo-me de imensas noites ao sereno. Jornadas inquietas, na busca inclemente de um alento que demora.

Quem és tu? Onde estás? Como és? Quando chegas? Frases feitas. Perguntas batidas. Uma espera que se faz desoladora. Ansiosa.

Olhar o outro. Olhar para o outro. Reconhecer nele aquilo que o destino teima em não trazer. Suplicar, esconder, envergonhar. Desejar o alcance de uma realidade opaca. Gasta e arisca. Escorregadia. Que passa nesta rua, nesta porta, e segue o seu rumo sem sequer se fazer anunciar.

Será que a ofuscação é causa de tamanho desprezo? Será que a mão

jamais tem força para te agarrar? Tão depressa parece que vens para ficar, como partes sem mais delongas. Quão efémera e indiferente és à dor que a tua ausência provoca.

Mas um dia, um dia tudo muda: percebo que o que procuro fora, na verdade, esteve sempre dentro de mim. Aqui ao lado, mesmo nos dias mais turbulentos.

Hoje que te conheço, recordo os tempos em que te (me) procurei e percebo o valor da conquista alcançada.

Descobrir-te traçou um marco que jamais pensei alcançar.

Não buscar o aval externo como forma de suprimimento. Assumir e respeitar escolhas, compreender as vivências, deixar fluir a Natureza, aceitar que sou parte dela.

Viver o momento, sem manobrar o presente e controlar o futuro.

Perdoar-(me) e ser grata.

Tomar consciência e abolir a culpa.

Viver em paz.



«Hoje que te
conheço, recordo
os tempos em que
te (me) procurei
e percebo o valor
da conquista
alcançada.

Descobrir-te
traçou um marco
que jamais pensei
alcançar.

Não buscar o
aval externo
como forma
de suprimento.

Assumir e
respeitar escolhas,
compreender as
vivências, deixar
fluir a Natureza,
aceitar que sou
parte dela.

Viver o momento,
sem manobrar
o presente e
controlar o
futuro.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

DESDE 1894, EUCALIPTO, ESPECIARIAS, LARANJA E LAVANDA

INÊS
PINTO

Seria a terceira vez que me acontecia. Dei por mim a voltar atrás e seguir pelo corredor dos produtos de higiene. O bulício do hipermercado marcava o som dos meus passos hesitantes. Fiquei de frente para a prateleira. Uma infinidade de sabonetes desfilava e eu sem perceber a razão de me sentir colada a um aroma. Sim. Era um perfume tocante aquele que me prendia nas últimas idas às compras.

Muitos de nós já se sentiram impelidos a descobrir a razão de uma qualquer memória ou evento despertar uma tempestade, daquelas que nos deixam sem alternativa, salvo acreditar que encontraremos algo que nos tranquilize e nos permite apreciar o dia com toda a sua paleta de cores. Somos artistas da vida: às vezes pintores desesperados de mágoas; outras vezes cantores de melodias penosas e outras ainda de papéis secundários que deprimem. A vida é rica de desassossego, não é verdade, leitor? Abandonei o corredor, não sem antes memorizar aquele aroma e aconchegá-lo no coração. Quando cheguei a casa, o telefone tocava. Corri para atender.

— Bom dia! Sou a Conceição e estou



a ligar-lhe para lhe apresentar o nosso cartão "vinte em um". Para efeitos de qualidade, a chamada vai ser gravada...

O perfume sereno que trouxera comigo rebentou nesse instante. Sem azedume, socorri-me do menu desculpas, sempre disponível, e desliguei. Só me apetecia processar a senhora que tivera a ousadia de me arrastar para uma realidade enfeitada de impaciência e ruído.

Sentei-me no sofá e liguei a televisão, apenas na tentativa de amenizar a má disposição temporária. Pela janela, a tarde espreguiçava-se ao som das badaladas da igreja. Uma, duas, três, quatro. Não consegui evitar que o desassossego da memória invadisse a sala.

Fui eu que pretendi regressar à memória e não ela que se intrometeu por mero prazer. Quando estamos inquietos, esquecemo-nos de escudar o coração e toda a realidade se pinta de um ar cinzento que enevoa qualquer alegria vivida. Por isso,

recordei o momento em que provei o sabor do pânico. A minha família de três estava prestes a dissolver-se nas agruras da vida. Perdi a paz naquela noite, quando a terra se mexeu mais do que deveria, quase numa cumplicidade que conspirava a favor do tormento. O pai, deitado no chão, a babar-se e a gritar Sou Deus, soma das frustrações de não resistir ao vício que o acompanhava há anos; as estantes a tremerem e a expulsarem os livros da sua familiar disposição; a minha mãe, transfigurada pela raiva de ter oferecido tantas oportunidades, pronta a libertar-se do fardo; e eu, espetadora (in)voluntária, com um grito de clemência preso na alma. Vivi momentos de mágoa, ressentimento, revolta, mas este considero-o a única ocorrência em que senti o abismo no coração e me abandonei ao destino.

Endireitei-me e voltei à sala. Com frequência, o que as experiências têm para nos ensinar mascara-se de formas estranhas. Bem desperta e ciente de que estava a salvo, lembrei as palavras vomitadas pelo *surround sound* nesse esfumado 1997: "O destino marca a hora". Peguei no telemóvel e pesquisei a expressão. A fotografia de Toni de Matos com a legenda do título do filme fez-me suspirar. Tantos anos circularam desde essa noite e nem me apercebi que bastava um despertar para regressar a tempestades, que, por serem pretéritas, deveriam dar lugar à bonança. Levantei-me e fui até à varanda. Recebi a frescura do orvalho outonal e sorri. Dei por mim a refletir sobre banalidades como um telefonema, um pneu furado ou até uma unha partida que desassossegam e nos tornam incapazes de admirar a calma que habita em nós. Talvez as situações possam desencadear tormentos, mas somos capazes de ripostar. Nem que seja porque acreditamos que é possível.

O telefone voltou a tocar. Revirei os olhos, com vontade de resmungar. Olhei para as horas. «A mãe já chegou do trabalho.» Precisava de ouvir a sua voz. Após os cumprimentos habituais, perguntei-lhe sobre o filme, o que acontecera na noite do tremor de terra ao som de o "Destino marca a hora". Pretendia acalmar o coração, desejava anular o que aquela memória, truque do inconsciente, me oferecera, mas os segundos de silêncio da mãe falaram por si. Percebi que vivera, de facto,

o assombro de ver a minha família de três desfeita pelo som espirrado da violência. Agora que penso nisso, apercebo-me de que nunca falámos sobre a força que nos empurrou para a felicidade do hoje. Mas continuemos. Para aligeirar o ambiente, contei-lhe sobre o meu comportamento caricato frente à prateleira dos sabonetes. Ela desatou a rir e só repetia «É impossível. Eras muito pequena». Contou-me que devia ser um sabonete que a avó comprava aos senhores das vendas a despique na romaria da aldeia. Prometeu-me que me oferecia um *Chipre Imperial: desde 1984, eucalipto, especiarias, laranja e lavanda*.

Em poucos dias, recebi o retângulo aromático e a doçura da vida espalhou-se por todas as minhas células. Como é possível uma recordação de infância, após milhares de dias nascidos, ter o poder de me envolver numa calma tão vibrante?

Hoje, o aroma da serenidade descansa na estante perto da minha secretária. Sempre que as descidas do meu percurso me obrigam a colocar as mãos nos joelhos, quase pronta para desistir, pego no sabonete e inspiro o seu poder tranquilizador, que me recorda quem fui, mas sobretudo quem sou. Confesso que não quis ver o filme. Se não me faz olhar em frente e encontrar o caminho no meio das tempestades, não importa. Acredito que, quando ressoarem as badaladas da vida, o aroma do sabonete brindar-me-á com a tranquilidade já conquistada. É este o dom das simplicidades que decoram a vida!

**«Talvez as
situações possam
desencadear
tormentos, mas
somos capazes
de ripostar.»**

ESTE ANO JÁ APANHAMOS OS DIÓSPIROS

MARIA BRUNO
ESTEVES

Era a casa dos avós. Já fora dos bisavós. No dia do funeral da anciã da família, a população da aldeia juntou-se diante da casa. A avó Lina era a avó de todos. Era ela a quem as famílias ainda mais pobres pediam ajuda. Eu tinha seis anos. Encostada à parede, observei uns homens desconhecidos passarem com o caixão sobre os ombros. Homens e mulheres acompanharam os meus pais, os meus avós, os meus tios e tios-avós, a pé, atrás da carrinha. Fiquei ali, até a multidão desaparecer no final da rua.

Não recordo os primeiros passos. No dia do meu primeiro aniversário, a minha avó surpreendeu os meus pais «a menina começou a andar». Observei a fotografia, a preto e branco. De vestido clarinho, curto e rodado, entre o meu pai, de calção de banho escuro, e a minha mãe, com um vestido justo, às riscas. Os três descalços sobre a areia do Tejo. As areias da margem do rio eram a nossa praia. A praia «dos tesos», como lhe chamavam.

Mensalmente, a minha avó deslocava-se ao Cartaxo, para fazer as compras na mercearia da Laura. No regresso, quase sempre me levava



com ela na carreira que ligava a vila à aldeia. Desde tenra idade que a casa de Porto de Muge representava a liberdade da vida no campo. Foi lá que aprendi a andar e também a dar os primeiros mergulhos.

As mulheres da aldeia levavam, à cabeça, as tábuas de madeira e os cestos de roupa, para lavarem nas águas do rio. Todas seguidas, lado a lado, conversavam e gritavam com a miudagem. As crianças corriam e levantavam água, umas para as outras. Fazíamos desafios a nadar por baixo das tábuas. Alinhadas, sobre os quatro pés, formavam uma ponte. Quem passasse sob o maior número delas, sem levantar a cabeça, era o vencedor. — Saíam daqui! Ainda deitam as tábuas abaixo — ralhavam as mães e as avós. — Depois vão pescar a roupa no meio do rio. Os lençóis estendidos ao sol, em cima dos arbustos, tal nuvem branca pousada sobre um manto verde. Já secos e dobrados, eram colocados nos cestos de verga. No final da manhã, esta-

fados, mas divertidos, regressávamos a casa. Eram horas de almoço.

Nos dias frios, a cafeteira mantinha-se cheia, em cima das brasas, libertando um convidativo aroma. Sentada num banquinho, em frente à fogueira, a minha avó bebia canecas de café. E quando fazia grandes tachos com arroz-doce para os casamentos! Era uma festa. O melhor arroz da aldeia. Eu e o meu tio, onze anos mais velho, éramos companheiros de jogos e folias. Observávamos, ansiosos, a minha avó a encher as travessas e a traçar os desenhos com canela em pó. Esperávamos a nossa vez. Cada um, com a sua colher, rapava o tacho. Competíamos pelo maior número de colheradas. Em novembro, deleitávamo-nos com os dióspiros. O grande diospiro junto ao poço, plantado no tempo da avó Lina, era um dos atrativos da casa. A casa foi crescendo, aperfeiçoada ao ritmo dos herdeiros que assumiram a sua guarda. A cozinha de tábuas passou para alvenaria. Dos meus avós, transitou para os meus pais e tios. De habitação, onde nasceram e viveram, transformou-se em casa de férias e fins de semana.

No verão, as sardinhas assadas na fogueira, acesa sobre as areias do Tejo, faziam parte da tradição dos almoços de família. À sombra dos salgueiros, as mulheres estendiam a toalha por cima das mantas, colocavam os pratos, os talheres e a grande saladeira repleta de tomates, pepino e «catalões». Sim, porque isso de pimentos, só quando vim para Lisboa é que ouvi esse nome. Aos homens cabia a tarefa de transportar o garrafão de água-pé, produzida na pequena adega familiar, e encher os copos. Sentados no chão, comíamos, bebíamos e cavaqueávamos durante toda a tarde. Os homens, já com um copito a mais, dormiam a sesta deitados na areia fresca. As crianças inventavam jogos, subiam às árvores e corriam pelos regueiros. No mesmo local, onde outrora se competia por baixo das tábuas, brincavam agora outras crianças. Os avós, agora bisavós, observavam. As brincadeiras eram diferentes, mas os mergulhos e as gargalhadas eram os mesmos.

As crianças cresceram, foram para outras paragens e a casa foi-se remetendo ao silêncio. Com o silêncio veio a morte. Foi perdendo a cor e a luz. As aranhas construíram teias e ocuparam a casa.

O pó invadiu as loiças e os candeeiros. As fotografias, sobre as cómodas ou suspensas nas paredes, amareleceram. As ervas cresceram e invadiram os espaços que outrora eram lugar de couves, alfaces, tomates, feijão.

Já não há quem apanhe os frutos do velho diospiro. Amadurecidos, caem e esborracham-se no chão. Um manto alaranjado cobre a terra.

Um certo dia, a minha mãe, nos seus oitenta e cinco anos, comenta com tristeza:

— A tua avó sempre me pediu: «Quando eu morrer, não deixem cair a minha casinha. Trabalhei tanto para a erguer!»

Após seis anos de batalha pela sobrevivência, em que as forças me abandonaram, aquela frase bateu no meu coração. Não. Nem pensar. Não podia deixar cair a casa das minhas recordações.

Pedreiros, eletricitas, carpinteiros, pintores, foram chamados. A minha filha desenhou o projeto. Eu coordenei os trabalhos. A minha mãe observava.

— Eu já não mando nada. Façam o que acharem melhor!

Via, nos seus olhos, a felicidade de ver a filha e a neta renovarem a casa onde nascera. Dar-lhe uma nova vida. E o sonho tornou-se realidade. O regresso a casa. O regresso a mim. O regresso dos ancestrais. As crianças de agora já brincam na casa das memórias.

Este ano, já apanhámos os dióspiros. Amadureceram um mês mais cedo.

«As crianças cresceram, foram para outras paragens e a casa foi-se remetendo ao silêncio. Com o silêncio veio a morte.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

SOB OS ESCOMBROS DA GUERRA

ONDINA
GASPAR



São muitos os significados que o dicionário nos oferece sobre a palavra "paz". Cada um terá a sua própria definição relativamente a esta pomba branca tão simples e tantas vezes esquecida.

Que sinónimo dar à paz aparente, dissimulada, nos bastidores de uma guerra? Será a designada "paz podre"? Ou uma tranquilidade aparente, talvez por indiferença ou desconhecimento?

Muito cedo, pouco após ter nascido, fui transportada para um ambiente de guerra. Só uns anos mais tarde me aperceberia da enormidade deste facto histórico que tanto aba-

lou as famílias portuguesas, atirando para a arena milhares de jovens e matando outros tantos inocentes nativos africanos. A vivência pessoal permitiu-me chegar à conclusão de que se pode viver no meio de uma guerra sem deixar de se sentir paz, embora camuflada, dentro dos nossos lares.

Nasci no início dos anos sessenta quando deflagrou a Guerra Colonial nas províncias ultramarinas, como eram denominadas. Em consequência da vida militar do meu pai, saí bem cedo do meu país, aos quatro anos, para um território de batalha, a Guiné-Bissau.

Ficámos nas trincheiras, aparentemente protegidos. Nunca suspeitei, perante a minha ingenuidade e ignorância infantil, dos horrores, das mortes de tantos inocentes, que aconteciam a cada minuto, não muito distantes de mim.

Eu, que sempre fui uma alma apaziguadora, vivia, sem saber, nos bastidores de uma guerra sem sentido.

Mais tarde, durante a minha adolescência em Angola, por

preconceitos instituídos sobre as diferenças da cor da pele, senti que me era subtilmente incutida uma certa desconfiança em relação às pessoas negras. Havia que ter muita precaução, pois no meio delas havia os chamados "terroristas". Como se lutar pela terra que a si pertence, fizesse deles o apanágio do terror! Por sinal, nunca fiz distinção das pessoas pela sua raça, religião, credo ou orientação sexual. Os meus melhores amigos eram negros. Existia sempre uma recíproca, inexplicável e instantânea empatia.

Um dia, ao visitar o hospital militar que se situava em frente à minha casa, deparei-me com o terror e o flagelo da guerra em toda a sua monstruosidade. Homens jovens mutilados, aos montes, abandonados ao seu destino, sem braços, sem pernas, sem pés, sem mãos, feridos no corpo e na alma, gritando por suas mães ausentes, mas tão presentes e preciosas nos seus corações amargurados. Os meus treze anos fugiram dali imediatamente. Não consegui evitar uma indisposição e um mal estar geral que se refletiram no mais profundo do meu corpo, ainda em fase de crescimento.

Até hoje, essas imagens, os cheiros, as feridas, os choros, os gritos de dor, perduram na minha memória.

O Vinte e Cinco de Abril de 1974 aconteceu quando tinha catorze anos. A partir daí, em Luanda, o tumulto da guerra aproximou-se de nós. A cidade agitou-se e havia fogo, fumo e fuga por todo o lado.

Recordo-me de estar no liceu e soar o boato de que fora colocada uma bomba na escola. A aflição dos pais foi tanta que afluiram rapidamente para resgatar as filhas (tratava-se de um liceu feminino).

Em nome de uma guerra, vivi alguns anos da minha inocência infantil sob os escombros de um conflito sem tréguas. Era como se a minha morada tivesse sido construída sobre uma mina prestes a explodir. Feliz ignorância de uma suposta paz que sempre habitará no coração dos mais puros!

"Os cadáveres são bons para esconder minas"

«São muitos os significados que o dicionário nos oferece sobre a palavra "paz". Cada um terá a sua própria definição relativamente a esta pomba branca tão simples e tantas vezes esquecida. Que sinónimo dar à paz aparente, dissimulada, nos bastidores de uma guerra? Será a designada "paz podre"? Ou uma tranquilidade aparente, talvez por indiferença ou desconhecimento?»

DA PALAVRA À FORÇA

(NEM) TUDO NA VIDA TEM UM PREÇO

JÚLIA
DOMINGUES

Crescemos a ouvir dizer que tudo na vida tem um preço.

Convenceram-nos de que tudo o que é raro, inacessível e exclusivo é deslumbrantemente caro, para não estar acessível à maioria de nós. Os bens considerados de luxo estão quase sempre associados ao desejo, à luxúria e à satisfação de necessidades supérfluas, aquilo de que não precisamos para sobreviver, mas que continuamos a desejar para viver um pouco melhor — justificamo-nos. À partida, ninguém precisa de um carro com estofos de pele para conseguir deslocar-se do ponto A para o B. Se o faz, se o pode fazer, se, na escolha de um automóvel, tem a possibilidade de adicionar esse extra ao catálogo de opções, é porque isso trará um conforto adicional à sua necessidade básica, que continua a ser (apenas) conseguir deslocar-se do ponto A para o (ponto) B. É (só) para isso que servem os bens de luxo, para adicionar extras ao nosso catálogo de necessidades básicas. Se pudermos ter mais, porque haveremos de desejar menos?

Claro que isto é ter uma visão muito redutora sobre a função dos bens disponíveis para consumo, tenham eles o preço que tiverem. Quis fazer esta analogia, pois parece-me que a questão principal se

centra precisamente aí: nos bens que temos disponíveis para consumo, nos que existem, com uma maior ou menor acessibilidade, para os termos ou, pelo menos, para os desejarmos. Mas, e se estivermos a falar de outro tipo de bens? De bens não materiais? Dos que não são mensuráveis, dos que não são visíveis e que nem sequer são palpáveis? E se a vida nos ensinar, muitas vezes à nossa custa, que afinal existem alguns que são mais valiosos do que a soma de todos os luxos do mundo? E mais. E se a vida nos mostrar, através dos desafios e das lições que tem guardado para nós, que muitos desses bens de luxo afinal não têm qualquer valor se comparados com o que de verdade importa, que é saber que por muitas coisas que tenhamos para ostentar, elas não terão qualquer utilidade se não tivermos as nossas pessoas por perto para as partilhar.

É que, vistas bem as coisas, passamos uma vida inteira a lutar para sermos melhores do que os outros e esquecemo-nos de que o verdadeiro luxo é tentar ser, todos os dias, um bocadinho melhor do que no dia anterior. E (con)viver bem com isso. Aceitar que as nossas decisões, muitas vezes mais erradas do que certas, são o resultado do nosso caminho e que esse só a nós diz respeito. Perceber que nem sempre vamos ganhar, mas, iremos sempre aprender. Que não conseguiremos gradar a todos, mas que há uma pessoa a quem nunca podemos deixar de agradar: a nós. Que o que ontem fazíamos questão, hoje deixou de ter importância. Que nem todas as pessoas vão ficar na nossa vida e que nós também não somos obrigados a aceitar tudo (e todos). Que não precisamos de ser perfeitos, mas que precisamos de continuar a ser felizes mesmo com as nossas imperfeições. E isto, meus amigos, isto que nos sai do âmago, que se constrói de dentro para fora, que nos corre debaixo da pele, isto não tem preço. Chama-se paz (interior) e é um dos bens mais valiosos que podemos ter. Aquele que devemos conservar a todo o custo e que não devemos permitir que ninguém nos roube. Não há nada que chegue à nossa paz e tudo o que custe a paz (interior) é demasiado caro para estar à venda. Porquê? Porque no final, as contas acertam-se com a nossa consciência (e não com os outros).



DA PALAVRA À FORÇA

PAZ

MARGARIDA
CONSTANTINO

A paz é puramente mental. Só existe, quando nos conectamos com a nossa essência e não resistimos a qualquer fricção que surja.

Todas as religiões têm como fundamento a paz, embora algumas não a pratiquem. No Ocidente, a religião cristã aborda-a em muitas passagens bíblicas e nas palavras de Jesus Cristo aos apóstolos:

Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz.

Se a praticarmos individualmente, não haverá razão para haver violência. É esse o segredo para uma vida com mais sentido e contribuição para a humanidade.

No ambiente de caos em que vivemos, acionarmos o princípio psicanalítico da não resistência, a aceitação e o perdão, é uma forma de alcançarmos o nosso propósito.

No vasto plano da eternidade de onde proviemos e para onde caminhamos, estar aqui e agora, neste intervalo que nos foi concedido, é uma dádiva a saborear e a partilhar.

Estar em paz é saber distinguir o que é realmente importante. Aceitar, perdoar e viver livre de angústia e de sentimentos negativos. Embora não sejamos indiferentes ao sofrimento humano, somos capazes de neutralizar em nós mesmos a sua interferência. O cérebro está preparado para a segurança; se deteta alguma ameaça a essa garantia, tende a intensificar os avisos recebidos, para se proteger. A nós, portadores de inteligência, cabe-nos enviar sinais para acalmar a ansiedade. É sentir a dor, mas não a prolongar, para que não se transforme em martírio. Havendo paz interior, a dor é aceite como um facto. Os factos são apenas transeuntes, como a própria vida. É importante o autoconhecimento sem julgamentos

nem culpas. A imperfeição faz parte da plenitude. Aceitar a vida tal como ela se nos apresenta, com os nossos defeitos e as nossas virtudes. Aceitar o que não depende de nós e mudar aquilo que podemos melhorar para nós e para o bem comum. Lembrarmo-nos de que somos uma partícula no universo de partículas, onde todos temos o nosso lugar e estamos em permanente relação com os outros.

Atingir o estado de paz é viver em harmonia connosco, com a humanidade e com a natureza. Relaxar, enfrentar os problemas como impulsionadores da ação para desenvolver o nosso propósito. É viver no presente, já que o passado não se pode modificar e o futuro é apenas uma conjectura que depende de muitos fatores. A realidade é o aqui e agora. As religiões, filosofias e correntes de pensamento orientais usam mantras e a meditação para limpar a mente do lixo que todos os dias carregamos. Devemos exercitar o cérebro para eliminar todos os pensamentos negativos, mesquinhos e egoístas. Ao cultivar uma mente positiva estamos a criar bênçãos ao nosso redor. A paz é o alicerce da felicidade que se consubstancia no bem-estar emocional connosco, com o ambiente e com o mundo. Deixo-vos a minha paz.



ENCONTRE O SEU EQUILÍBRIO

MARIA INÊS
CABRAL

Use a sua imaginação. Pense que através da sua mente pode atingir a serenidade que julgava impossível alcançar. Às vezes entramos em stress e passamos por episódios de ansiedade que julgamos fora de controlo.

Evitamos momentos assim, se aprendermos a controlá-los. Para isso, existem diversas ferramentas que nos podem ajudar a colmatar esses estados tão incomodativos que provocam situações de mal-estar geral físico e psíquico.

Todos esses recursos tão importantes e úteis, mas não milagrosos, só irão ter o seu efeito se acreditar no poder deles e, essencialmente, se acreditar em si.

Veja-se o exemplo de um curso de voz, ninguém do seu meio vai acreditar nesse curso. No entanto, ele pode ensinar a melhorar a sua voz.

Por isso em primeiro lugar: crer. Depois reconhecer que tem maturidade suficiente para mudar o seu estado de espírito.

Comece logo de manhã por se espreguiçar. O facto é que ao esticar o corpo ele descontra bastante, o que é essencial para poder depois continuar o dia.

Massaje o rosto, faça caretas e barulhos com a boca todas as manhãs, mexa nas orelhas, puxe-as, sintas-as, pois nunca pensamos nelas e são também uma parte importante do corpo.

Saiba usar a respiração para o seu bem-estar.

Feche os olhos, inspire/ expire o ar compassadamente. Vai notar que o seu corpo relaxa cada vez mais sempre que respira. Deixe-se ir. Siga a sua imaginação. Mais tarde ou mais cedo sentirá

que o seu corpo começa a soltar-se. Comece pelo rosto, toque-o e siga tateando até à ponta dos pés. Não pense em nada, deixe o corpo fluir e verá que vai sentir mais tranquilidade. Agora imagine que tem uma auréola que emana luz à volta da cabeça e sintas o envolvimento dessa luz até que passe por todo o seu corpo, sintas que está rodeado dessa luz e continue o seu processo de relaxamento, renovação e rejuvenescimento.

Aprenda a lidar com os seus problemas como se eles estivessem longe de si e não pudessem ser prejudiciais. Pratique, se puder, qualquer exercício de Yoga, faça um curso de mindfulness, passe um fim de semana num retiro espiritual e verá a mudança acontecer. Não de imediato, mas com tempo, a sua mente vai ficar mais serena e poderá assim alcançar o sossego que tanto almeja.

Olhe à sua volta o nascimento do Sol, os pássaros logo de manhã a cantar, a luz que entra pelas divisões da sua casa, as noites de luar, estamos rodeados de maravilhas que nos transmitem serenidade.

Abra o seu coração para a vida, prepare-se para o melhor que ela tem para oferecer.

Viver em paz só vai depender de si.



O ESCRITOR COMO PROTAGONISTA

DAVID
ROQUE

O escritor é pessoa dotada de sentidos que o ligam ao exterior: tacto, audição, paladar, cheiro e visão. Veículos que o transportam para o seio da realidade, a complexa trama do cozido à portuguesa, a textura, o sabor, o cheiro, o som da cozinha que alquimiza a matéria bruta, e o tinir dos talheres durante a refeição. E além da tangibilidade das cinco pontes que o ligam ao mundo, o escritor dispõe ainda do senso de si próprio, sensações, emoções, sentimentos e pensamento, formas físico-mentais de se perceber e intervir no mundo.

A imaginação não irrompe do nada, sabemos-lo, requer toda uma carga de estímulos que brotam da própria vida do escrevente. Mais rica a vida exterior ou a vida subjetiva do ficcionista, mais majestosa e plena é a escrita. O escritor escreve-se sempre a si mesmo na obra que concebe. Borges dizia que toda a ficção é autobiográfica e ninguém o pode negar. É através do que oíço e leio que adquiro o léxico e a sintaxe que irei utilizar nas narrativas que construo, é através do que vejo que imagino cenários e personagens, enredos e acontecimentos. Pelo que podemos concluir que a personagem primeira de todo o romance é o escritor que o concebe, porque é dele



o sangue de vida que enche as letras, as frases, os parágrafos, todo o texto. Sem esta dação o romance é um conjunto de folhas brancas onde nada existe nem acontece.

Para os que desejam ser escritores, saibam que são a vossa disciplina, vontade e imaginação os pilares fundadores da escrita. Quem não se conhece e não se dá por inteiro à ficção, também não constrói com profundidade o romance. Em todo o bocadinho de escrita está presente o protagonista da história, o autor. Como pode ser isto aproveitado para entrar ou progredir no exigente mundo das letras? É simples... e difícil. O escritor deve garantir que está vivo, que se mantém vivo e que, estando com os sentidos do corpo e da alma apontados para o mundo, é capaz de o verter de forma acrescentada e pessoal para a folha. A grandeza da escrita de Camões reside na espetacularidade da vida de Camões o escritor, que, com a carne, os olhos e o pensamento, viveu o seu tempo em plenitude. O mesmo de Eça, Pessoa, Agustina ou Saramago. O mesmo ainda Brontë, Zola, Amado ou Tolstoy. Quem, estando morto, pode criar vida? A lição a retirar é *Vive Para Escreveres*, na dupla aceção: primeiro, goza e usufrui a vida, não de forma passiva e dormente, mas com sentidos e mente despertos; e, segundo, aplica grande parte da energia existencial no ofício de escritor, sendo a escrita outra vida. Alcançada a consciência da importância de estar desperto, o escritor-protagonista saberá construir personagens credíveis e enredos convincentes, num estilo de contar próprio, fruto da natureza íntima e irrepetível da vida individual. Todo o escritor é um ser único.

«A imaginação não
irrompe do nada,
sabemo-lo, requer
toda uma carga de
estímulos que brotam
da própria vida do
escrevente. Mais rica a
vida exterior ou a vida
subjativa do ficcionista,
mais majestosa e plena
é a escrita. O escritor
escreve-se sempre a si
mesmo na obra
que concebe. »

QUAL É A ORIGEM DE ESCOLA

MARCO
NEVES

A língua que nos passou a palavra «escola» é previsível: o latim.

A palavra, em latim, era «**schola**» e deu a volta ao mundo: aparece não só nas línguas latinas, como em muitos outros idiomas, incluindo o inglês, onde tem a forma «**school**». Foi aportar a línguas ainda mais distantes, como o indonésio, onde se escreve «**sekolah**». Como lá chegou? Por via do português, que levou a palavra até àquelas paragens.

Mas voltemos ao latim. Onde foram os Romanos buscar o vocábulo? Também não surpreende: ao grego «**skholé**» («σχολή»).

O latim que chegou a este recanto ocidental do Império vinha cheio de grego lá por dentro. O grego era uma língua de muito prestígio na Roma Antiga e muitos romanos aprendiam-no — e usavam muitas palavras gregas nas frases latinas. Muitas dessas palavras acabaram por chegar à nossa língua.

Muito tempo depois, houve palavras gregas que chegaram ao português por outras vias — lá chegaremos. No caso de «escola», a palavra veio mesmo dentro do latim que se transformou em português. Voltando atrás: será que os Gregos inventaram «**skholé**» do nada?

Como acontece muitas vezes, uma palavra anterior ganhou um novo sentido. Os seres humanos, quando precisam de uma nova palavra, olham em redor e pegam nos materiais que já existem. Juntam palavras, reduzem palavras, dão significados novos a palavras que já existem...

A palavra grega «**skholé**» significava algo como «**tempo de lazer**». Veio a significar também o que

se fazia com esse tempo. Ora, o que muitos faziam era conversar — e o que se aprende a conversar! As conversas entre quem ensina e quem aprende acabaram por dar origem às escolas...

Terá sido este, com mais ou menos desvios, o caminho mental que a palavra fez. A palavra grega já viria de trás, de outras viagens, desde os indo-europeus e, antes deles, desde a origem da linguagem. Mas fiquemos por esta transformação de «lazer» em «escola», origem do sentido da nossa palavra.

Há quem tente ver na origem das palavras a sua verdadeira essência, o seu significado antes das deturpações que vieram depois. É um erro que tem um nome técnico: **falácia etimológica**. Ora, as tais deturpações são um dos motores da criação de palavras novas.

Essas pequenas mudanças criam também uma complexidade em que mal reparamos. Basta pensar em «escola». A palavra tem vários significados relacionados, mas subtilmente diferentes: «o meu filho gosta da escola nova»; «as crianças andam todas na escola»; «aquele filósofo fez escola»; «a tropa foi uma escola para mim». Também



aqui reside a riqueza da língua.

Portanto: saber que a palavra «escola» tem origem na palavra grega para «lazer» não nos mostra o verdadeiro sentido da palavra. Mas, enfim, sempre nos ajuda a sublinhar algo muito importante: a escola não é só um espaço onde se ouve o professor. É também um espaço onde se brinca e onde se *conversa* — com o professor, é verdade, mas acima de tudo com os amigos: conversas sérias, conversas parvas, conversas sobre nada, conversas sobre tudo. Conversas onde se aprende muito.

«O latim que chegou a este recanto ocidental do Império vinha cheio de grego lá por dentro. O grego era uma língua de muito prestígio na Roma Antiga e muitos romanos aprendiam-no — e usavam muitas palavras gregas nas frases latinas. Muitas dessas palavras acabaram por chegar à nossa língua.»

PASSEANDO COM ISAAC BABEL EM ODESSA

JOÃO
VENTURA

À maneira de Xavier de Maistre, isto é, sem sair de casa, instruído pelos preceitos descritos por Pierre Bayard e guiado pelo *Google maps*, deambulo pela Odessa judaica que começa na Praça Grega e continua pela Alexandrovsky Prospekt, Mercado Antigo, Yevreiskaia, Bazarnaia, estendendo-se pela Malaya-Arnautskaia e, do outro lado da Rua Preobrazhenska, através da Rua Tiraspolskaia, até à Rua Staroportofrankovskaia; e dali, até ao famoso mercado Privoz e ao bairro de Moldavanka. Mais adiante, fica o bairro Slobodka de onde partiram os comboios de deportação durante a ocupação germano-romena. À primeira vista, parecer-me-á um lugar um pouco abandonado, mas à medida que me vou esgueirando pelas suas ruas e pátios, as personagens exuberantes e a Odessa babeliana revelam-se-me como um caleidoscópico submundo exuberante e poético. No mercado de Privoz, que ocupa um quarteirão inteiro adjacente a Moldavanka, enfileiram-se bancas de comerciantes arménios e georgianos repletas de frutas secas e ervas aromáticas, peixe defumado, carne seca apimentada, queijo *brinza*, sumo de romãs, *churchkhela*.

Caminho com instrução à maneira de um *flâneur* imaginário no mapa de Odessa onde os nomes das ruas falam comigo, assoando a pátios empedrados com estendais de roupa secando ao sol, ladeados por casas baixas de madeira. Vou por ruas que já não existem, saudando os moradores que antes habitaram os edifícios que agora imagino.

A rua Gloukhaia, onde os gângsteres de Babel se refugiaram no bordel de Yoska Samuelson, hoje leva o nome de Bougae-vskaskaia, depois de muito tempo ser chamada de Instrumental-naska. A rua Prokhorovskaska onde morava o ferreiro Pyatirubel recuperou seu antigo nome depois de ter sido chamada de Khvorostin.

Passo junto ao número 23 da Rua Dalnitskaia, junto ao lugar onde estava a casa onde morou Babel para ver se ainda andam por ali, num travestismo exuberante, tal como andam nos seus *Contos*, "os judeus joviais e intrépidos do Sul, efervescentes como vinho barato", "os aristocratas de Moldavanka enfarpelados com cores de framboesa, de pescoço atarracado nos casacões ruivos e com o couro azul-turquesa das botas a rebentar-lhes nas pernas carnudas" e as mulheres com vestidos de gala escarlate, calçadas com botas de homem.

E na esquina das ruas Dalnitskaia e Balkóvskaa, muito perto da Rua Isaac Babel (antiga Vinogradnaia), passo diante da casa onde Babel situa a loja de Lyubka Chnéi-veis, conhecida como Lyubka, o Cossaco. Aspiro "o aroma de muitos mares e de vidas maravilhosas, misteriosas para nós". Espreito a página do livro aberta sobre balcão e

vejo "azeitonas vindas da Grécia, azeite de Marselha, café em grão, vinho Málaga de Lisboa, sardinhas da marca Philippe & Kano e pimenta-de-caiena" .

Na Rua Hospitalnaia, um portão entreaberto revela-me uma fila de mesas postas serpenteando ao longo de um pátio. Convidam-me a entrar e a sentar-me à mesa farta: "O cozinheiro negro do Plutarco, chegado há três dias de Porto Said, levou para longe dos olhos da alfândega as garrafas bojudas de rum jamaicano, o licoroso vinho madeirense, os charutos das plantações de Pierpont Morgan e as laranjas dos arredores de Jerusalém.

Eis o que a espumosa maré-alta do mar de Odessa lança na praia, eis o que às vezes chega aos mendigos hebreus nas bodas hebreias."

Sento-me à mesa com Babel e, por um instante de paz, esqueço que no mar em frente de Odessa já se perfilam os navios russos prontos a lançar metralha incandescente sobre a cidade e que desde a Crimeia, no outro lado do Mar Negro, há lança-mísseis apontados à cidade.

Este texto é um excerto adaptado de uma crónica viageira mais ampla, intitulada "Odessa, cidade aberta", publicada em Meridional. Revista de Estudos do Mediterrâneo. ICIA, 2022.



Fragmento de Over Vitebsk, de Marc Chagall, 1913

O SOLDADO NA TRINCHEIRA PENSA NA PAZ

JOÃO
MELO

penso: a paz ronda os meus canhões
como uma ameaça. ou: a paz
conspira dentro do meu duro coração. ou então:
a paz rebenta nas minhas unhas
como fungos apodrecidos. quer dizer: dorme
do outro lado da minha pele camuflada. daí
que: preciso estar alerta: a paz é traíçoeira.

mas pensando bem: a paz é a minha ração de combate.
se quiserdes: trocái o ç pelo z. em suma:
a paz alimenta os meus sonhos
na tensa escuridão das trincheiras. por isso:
ofereço o meu sangue por ela &
o meu ódio
terno e complacente como um obus.

melhor ainda: a paz depende da convicção dos meus dedos
libertando a espoleta da prisão da ambiguidade.
aqui: a guerra pode ser inútil mas é necessária. digo:
que os fariseus resolvam esse paradoxo
pois: eu preciso erguer-me sobre estes generosos corpos caídos
não esquecê-los um só minuto até
conquistar a paz que há de resgatá-los.



UMA EDUCAÇÃO

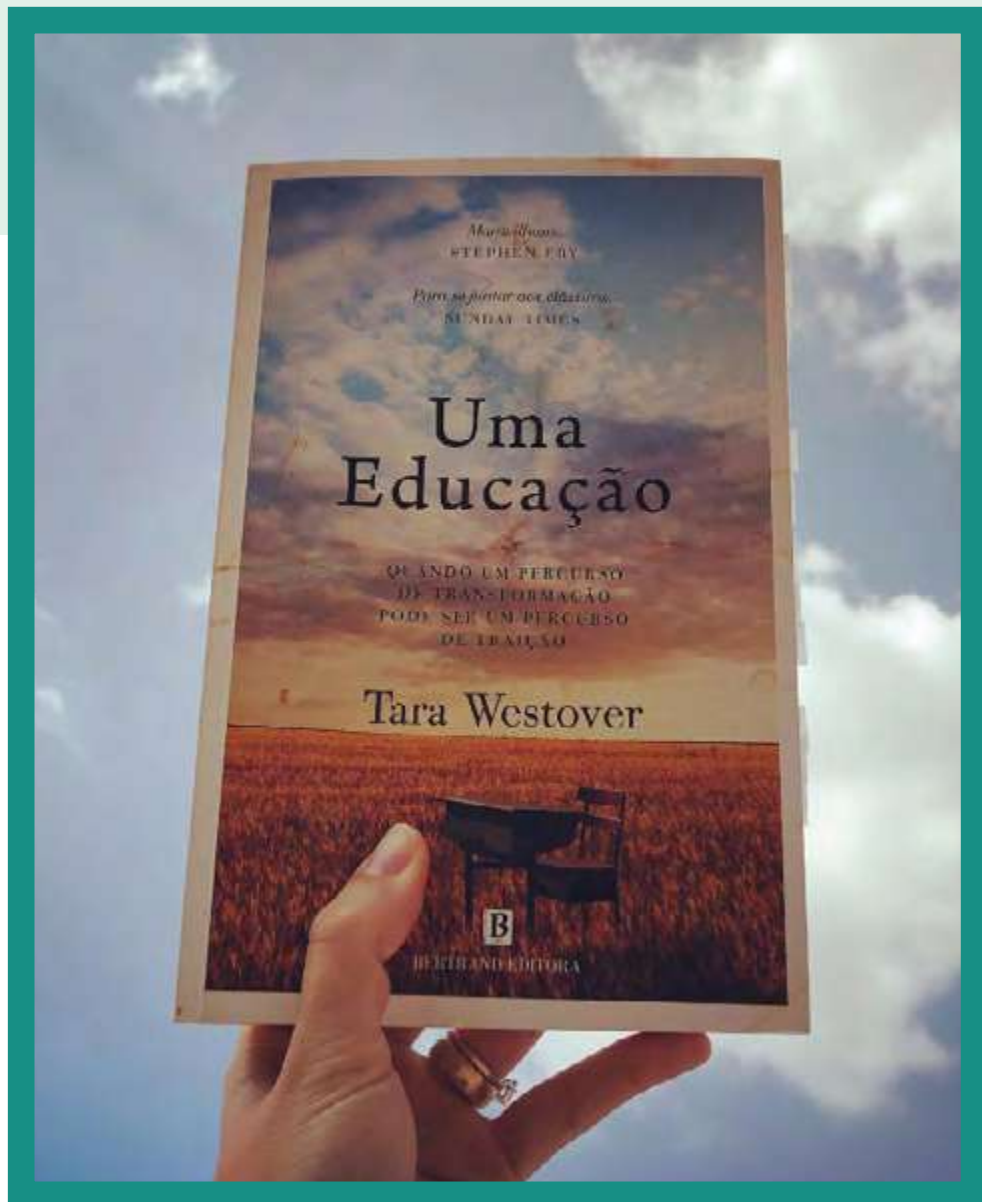
HELENA
VENTURA

A paz está onde nos sentimos verdadeiros aos nossos olhos, mesmo que às vezes só aconteça quando traímos o que julgámos ser toda uma vida. Tara Westover cresceu a preparar-se para o Fim dos Tempos. Nunca havia posto os pés numa escola.

«Só tenho sete anos, mas percebo que é este facto, mais do que qualquer outro, que diferencia a minha família: nós não vamos à escola.»

Mais do que a pergunta «Como viver sem uma educação formal?», aquela que assola quem lê as memórias de Tara Westover é «Como viver, quando nascemos sem pai e mãe capazes de nos protegerem do mundo e deles próprios?»

A normalização da violência, acima de tudo aquela que vem dos seres que



deveriam amar-nos incondicionalmente e proteger-nos de tudo, é a que constrói as pessoas mais quebradas, mais despedaçadas. Crescer e pensar que nunca sere-mos suficientes aos olhos de quem devia cuidar-nos com todo o coração é o que nos torna mais descrentes, que faz com que sejamos, muitas vezes, a pessoa com quem temos mais dificuldade em relacionar-nos. «É reconfortante pensar que a falha é minha, pois isso significa que tenho controlo sobre ela.»

Nunca se vive, quando assim é. Sobrevive-se.

Tomar conta da nossa vida parece, nestes casos, tão difícil e extenuante quanto criar toda uma nova vida, no desamparo de nos sabermos sós, sem sermos capazes de andar e tendo já de correr.

Nascida no Idaho dos anos oitenta, numa família Mórmon. Filha de pai que se opunha à educação formal e a demonstrações de afeto, e de mãe parteira autodidata, Westover passou os seus dias, desde o nascimento à idade quase adulta, a laborar no ferro-velho do pai ou a cozinhar com a mãe. Não tinha certidão de nascimento nem historial médico. Registos de existência, algo que Tara só conquistou quando conseguiu o acesso à Educação. Tinha dezassete anos quando entrou, pela primeira vez, numa sala de aulas, e percebeu, ali, naquele momento, que era aquilo que ambicionava. Estudar, pensar, ser. Mais do que uma história de reinvenção, esta é uma história sobre o que é viver na luta constante pela paz. Pela paz com a família em que se nasce, com as escolhas que se fazem, consigo mesma, na luta interna entre a identidade que se construiu nos primeiros anos, os anos basilares da existência, e o que se quer ser.

«A normalização da violência, acima de tudo aquela que vem dos seres que deveriam amar-nos incondicionalmente e proteger-nos de tudo, é a que constrói as pessoas mais quebradas, mais despedaçadas. Crescer e pensar que nunca seremos suficientes aos olhos de quem devia cuidar-nos com todo o coração é o que nos torna mais descrentes, que faz com que sejamos, muitas vezes, a pessoa com quem temos mais dificuldade em relacionar-nos.»

Era essencial fazer a viagem para o Mundo Contrário, para desmascarar a súcia de mantas que se infiltrara no governo e no parlamento, em redor do ministro das finanças, também ele um asqueroso demónio das águas paradas. O feitiço que lhes dava ares de gente era poderoso. Saí da redação do jornal, ao Saldanha, em Lisboa, e subi à Graça, onde um reputado tasseomante apontaria o local para encontrar um dragão felpudo para a viagem.

Num andar esconso de prédio antigo, onde as moscas musicavam o ar, o tasseomante sete vezes leu as folhas do chá e, resoluto, afirmou que a cidade mais próxima do Mundo Contrário com portal aberto era Ajeb, o mesmo que dizer, a cidade contrária de Beja. Novamente cruzei os campos sequiosos do Alentejo, no trânsito do verão para o outono. Perto da igreja dos Prazeres, na dita cidade, há uma casa que tem uma escadaria circular oculta, que corre até uns bons duzentos metros para dentro do solo. No fundo dela, um salão de cristal onde repousa um dragão felpudo. Vesti o escafandro de prata, aproximei-me com humildade e in-

voquei o santo nome da Velha das Fitas Vermelhas, protetora das boas criaturas do mundo oculto. Convencido, o dragão ofereceu-me o dorso. Agarrei-me firmemente aos seus pelos e saímos disparados pelo magma de alcatrão negro que nos separa do mundo contrário, e as cidades daquele mundo umas das outras.

Na cidade contrária de Beja, Ajeb, devido à neutralidade do Mundo Contrário, encontrei seres de toda a espécie e uns poucos humanos. Vesti um feitiço de parecer um manta batráquio, com a cornadura espiralada e buracos na vez dos olhos. Preparei um gravador oculto e orientei-me para o comércio de mantas, prestes a decorrer nas ruínas de um castelo com uma alta torre parcialmente desmoronada. Centenas de criaturas alegres pelo chão enlameado do recinto e pelas bancas de comida nojenta que o circundavam. Ululavam, fre-miam e amontoavam-se em volta do palco feito de troncos musgientos.

Não me acreditava, o casal tenebroso, O Homem de Ferro e Gancha, subiu ao palco e discursou para a multidão. Incentivavam à tomada de recursos, aludiam à fraqueza das democracias e à cobiça humana. Com a ilusão certa, dominariam o governo e o Parlamento, o sistema central do país. Tomariam decisões ambientais iníquas. Fariam um paraíso para os mantas e todos os seres malignos do obscuro. O plano era evidente.

Retirei-me, tinha conseguido material para trabalhar. Não o poderia publicar abertamente no mundo dos homens, cego para a materialidade deste universo de magia, mas podia encetar a pesquisa por dinheiro desviado pelos mantas dos altos cargos no Estado. Se a conspiração era global, seria fácil cobrir os rastros enlameados do dinheiro desviado dos cofres públicos. A autoconfiança do Homem de Ferro e de Gancha abriam-me a porta para mais notícias.



ESCREVER É O OPOSTO DE TER PAZ

LÉNIA
RUFINO



Quando soube qual seria o tema desta edição da Palavra, percebi imediatamente: escrever é o oposto de ter paz. É impossível viver em paz quando temos milhares de personagens a cirandar dentro de nós. É impossível ter paz quando as histórias imploram por ser contadas, quando a urgência de bater com os dedos nas teclas nos levanta da cama a desoras e nos obriga a abrir as comportas para deixar fluir os enredos. A paz é um nirvana inalcançável para quem escreve. Ou quase, vá. O frémito começa quando uma personagem se apresenta, saída de nenhures, e, de re-

pente, vive connosco. Acompanha-nos ao café, espreita-nos por cima do ombro, debruçada sobre os livros que estamos a ler, senta-se connosco à secretária de trabalho, ocupa um lugar nas reuniões que possamos ter, divide connosco a almofada, impedindo-nos de adormecer rápida e placidamente. Aquela personagem, até há pouco inexistente, instala-se e mói-nos os ossos até que a tiremos da vida imaginada e a tornemos real escrevendo-a. E nem assim ela nos dá tréguas. Dependendo do processo, acompanha-nos durante dias, meses, anos, enquanto a moldamos, lhe damos vida e a tornamos tão real quanto possível. Depois, ousada, continua a

importunar-nos porque continuaremos a lembrar-nos dela mesmo que já viva nas páginas de um livro, no ecrã de um cinema ou em qualquer outro lugar palpável. Depois, tendo a personagem já ganhado vida própria, o descanso teima em não chegar. A paz continua distante, a miragem ao longe, num deserto demasiado árido. Imaginando que a personagem se tornou livro, a ausência de paz segue na ansiedade pela publicação. Durante o processo de edição, a coisa mais remota ao escritor é a sensação de paz, de trabalho concluído: é preciso cortar texto, reescrevê-lo, corrigi-lo, limpá-lo, despojá-lo de artifícios ou embelezá-lo.

O texto está pronto, o manuscrito está entregue, a publicação está iminente. Podemos descansar. Era bom, mas não. Ainda não é aqui que o escritor atinge aquele estado prazeroso que nos leva à paz. Porque, a seguir, há a angústia da receção que o livro vai ter pelo público. E a personagem, teoricamente já sossegada no canto dela, nas dezenas ou centenas de páginas que lhe demos para habitar, volta a vir dormir connosco, importunando-nos com a incerteza: será que as pessoas vão gostar do que escrevemos? Será que o livro funciona? Será que a história está no ponto que imaginámos? Será que demos uma vida digna àquela personagem e às outras que a acompanham?

A dada altura, o escritor acabará por acalmar. O tempo passa e vai diluindo esta ansiedade corrosiva. E é nesse momento, quando a paz já é um vislumbre mais próximo, que outra personagem, outro enredo, outra história se acercam do escritor e lhe saltam para o ombro, tornando-se a sombra com que ele terá de viver durante dias, meses, anos, até que o processo se repita e regresse à vida do escritor aquele estado que é em tudo o oposto da paz.

«A paz é um nirvana inalcançável para quem escreve. Ou quase, vá. O frémito começa quando uma personagem se apresenta, saída de nenhures, e, de repente, vive connosco. Acompanha-nos ao café, espreita-nos por cima do ombro, debruçada sobre os livros que estamos a ler, senta-se connosco à secretária de trabalho, ocupa um lugar nas reuniões que possamos ter, divide connosco a almofada, impedindo-nos de adormecer rápida e placidamente. »

DICAS NADA RESOLVEM É A DICA DE HOJE

JAMES
McSILL

Não há dica de *storytelling* para dar para você ou para ninguém quando se trata de Literatura. Porém, primeiro, para vender um livro há dois fatores: escrevê-lo de forma tal que segure o leitor a partir da primeira linha e este continue a virar as páginas, e escrever sobre um assunto de interesse de um grande grupo de leitores naquele momento. Isto aqui é o mundo real. Verdade é que porcaria não vende, simples assim. Pode ser um livro de autodesenvolvimento, um romance, um autoajuda, uma biografia, um qualquer-outra-coisa que deseje publicar e, Deus seja louvado!, vender. Segundo, para que você veja algum dia a sua obra a escorregar por sobre um balcão em direção a uma caixa registradora, ou que, pelo menos, um agente se interesse por ele, ou que chegue às mãos de um editor que o levará a uma reunião editorial e a um departamento comercial que queira adquirir o seu original, você tem de parar de pensar em dicas e começar a pensar em trilhar uma carreira de muito estudo, muito trabalho, muita dedicação, imensa paciência para perceber como se estrutura um livro de verdade e como funciona a Indústria do Livro. Mas, como tenho um coração generoso, aí vai uma dica:

«O segredo é ter em mente
que, tudo começa
com uma história»

Não confunda *storytelling* com história e enredo. Comece por esquecer por ora esse modismo de ficar falando em *storytelling* para tudo. *Storytelling*, se compreendo a acepção do uso a que você se propõe, não é panaceia para vender qualquer coisa — muito menos uma boa obra literária, que deve ser degustada e ficar erguida sobre os seus próprios pés. *Storytelling* é "contação de histórias", ou seja, como você vai contar, alinhar para dar prazer, encantar e (se for autodesenvolvimento ou autoajuda) inspirar e instruir o seu leitor. Promoção e Marketing é trabalho para a sua editora. Aprenda a escrever algo excepcional, não descanse até ter um texto tão bom que, além de mostrar o seu talento e a sua incrível e surpreendente criatividade, não terá nele uma linha que não leve o leitor a ficar encantado. Lembre-se que a sua obra-prima terá, depois de passar por todas as fases, de enfrentar o frio do ar-condicionado na prateleira de uma livraria. E a realidade pragmática de uma livraria pequena ou grande é cruel, implacável. E uma vez na prateleira, você não terá uma segunda chance. Muito menos, outra oportunidade de adentrar o mercado outra vez, se o livro não vender.

Em resumo: não há dica de *storytelling*, mas esta história mostra-lhe o caminho. Durante o tempo inteiro haverá sempre alguém que encontre mil razões para não publicar a sua obra mais do que para publicar, e não há história que você conte que vá mudar isto. O segredo é ter em mente que, tudo começa com uma história (um personagem que vai se transformar e neste processo aprender ou ensinar alguma coisa e, neste processo, o leitor aprende com ele) e um enredo (a ordenação do que acontece na história —eventos— para que o leitor perceba o onde, o quando, o porquê desta transformação). A contação da história — o seu estilo, os efeitos, os malabarismos linguísticos e tudo o mais — será apenas o enfeite, a proverbial cereja em cima do bolo. E veja: ninguém compra o bolo pela cereja. Portanto, fica a derradeira “dica”.

**«Storytelling é
“contação de
histórias”, ou seja,
como você vai contar,
alinhar para dar prazer,
encantar e (se for
autodesenvolvimento
ou autoajuda) inspirar
e instruir o seu leitor. »**



UM CAMINHO PARA A PAZ

SANDRA
BARÃO NOBRE

Há um ano fazia votos para que a leveza que sentia a cada leitura de "Tudo é Possível"¹ fosse sentida também por vós em 2022. Não podia suspeitar que estávamos a dias do rebenatar de uma guerra na Europa, da consequente calamidade humanitária e do agravar do custo de vida, dificuldades que vieram acumular-se aos traumas da pandemia e às demais vicissitudes do quotidiano.

"Até para uma optimista por natureza, está difícil manter o optimismo" — este foi, talvez, o meu desabafo mais frequente em 2022. Isto num ano que me proporcionou muitas alegrias e conquistas. A título estritamente pessoal não tenho queixas. Consegui, inclusive, alcançar a tal leveza e viver momentos de profunda serenidade. Quando? Sobretudo ao viajar e ao ler, actividades irmãs porque quando viajo, leio o mundo e quando leio, viajo sem sair do lugar. Foi com os livros — sessenta e seis ao todo — que pude libertar-me durante horas do peso da nossa realidade, respirar fundo e apaziguar-me.

A biblioterapeuta belga Régine Detambel defende que o leitor, levado pela página, "escapa pelo menos temporariamente à angústia, à tristeza, quando as suas ruminacões são

capturadas pelas peripécias que a narrativa lhe impõe."² No mesmo sentido o filósofo francês Michel de Montaigne escreveu: "Nunca tive um desgosto que uma hora de leitura não tivesse dissipado."

Com estes raciocínios, nem Detambel nem Montaigne fazem a apologia da alienação, um argumento com o qual me provocam ao dizerem-me "Cuidado! Há vida para além dos livros", como se o prazer de nos perdermos na leitura fizesse de quem lê muito uma espécie de morto-vivo. No tocante à Biblioterapia, escape e alienação são estados distintos — o escape é eminentemente benigno e alcançado por pessoas em princípio saudáveis; a alienação pode evidenciar uma patologia que exija a intervenção de um profissional de saúde.

Numa aparente oposição a Detambel e Montaigne vejo por vezes citar Franz Kafka, que em 1904 escreveu: "Acho que só devemos ler o tipo de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos a ler não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o lemos? (...) nós precisamos de livros que nos afetem como um desastre, que nos magoem profundamente (...) Um livro tem de ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós."

Então, no que ficamos? Nos livros que permitem dissipar desgostos e escapar às angústias, tristezas e ruminacões ou nos livros que nos ferem, trespassam, quebram e acoradam? A verdade é que os primeiros não se opõem aos

1) "Tudo é Possível", de Kobi Yamada e Gabriella Barouch, editora Zero a Oito, Lisboa 2021, ISBN 9789897767593

2) "Les Livres Prennent Soin de Nous", de Régine Detambel, Babel Essai, França 2017, ISBN 9782330073091, pág. 20

segundos: todos têm potencial catártico, isto é, a capacidade para suscitar e apaziguar emoções, o que resulta numa espécie de purga e na sensação de libertação, serenidade e harmonia própria de uma pessoa saudável.

Régine Detambel explica: "(...) a leitura dá acesso às mesmas emoções que 'na vida real'. Mas como esta experiência é vivida pelo prisma duma representação estética, ela é desprovida de violência e dor (...)"³ A fruição estética constitui esta descarga apaziguadora que liberta o Homem da violência do real (...)"⁴ ao mesmo tempo que o insere "(...) num movimento de reinterpretação do sentido do mundo (...) e lhe permite a aquisição de defesas psicológicas contra os acontecimentos (...)"⁵

Assim, ler ou ouvir ler uma boa história pode ser no mínimo um caminho para a paz individual. Mesmo quando as histórias provocam abanões que não deixam pedra sobre pedra, porque às vezes há raspagens (teóricas, filosóficas ou ficcionais) que são libertadoras. Sai-nos um peso das costas, enchemos de ar os pulmões, ganhamos fôlego e sentimo-nos capazes de perspectivar um outro presente e um outro futuro.

Para 2023, apesar de tudo, reitero os meus votos: que a paz esteja convosco e os bons livros e as boas histórias também.

3) "Les Livres Prennent Soin de Nous", de Régine Detambel, Babel Essai, França 2017, ISBN 9782330073091, pág. 50

4) "Les Livres Prennent Soin de Nous", de Régine Detambel, Babel Essai, França 2017, ISBN 9782330073091, pág. 37

5) "Les Livres Prennent Soin de Nous", de Régine Detambel, Babel Essai, França 2017, ISBN 9782330073091, pág. 20



AS NOSSAS COLETÂNEAS



O TEMPO DAS PALAVRAS COM TEMPO

Pequenas grandes histórias para ler e viver.

Com prefácio de James McSill

Disponível em:

EBOOK



IMPRESSO



NÃO VÃO OS LOBOS VOLTAR

Por vezes, é preciso enfrentar o passado para viver o presente.

Com prefácio de Sofia Batalha

Disponível em:

EBOOK



IMPRESSO



QUE O CAMINHO NÃO NOS FUJA

Ninguém regressa igual da viagem

Com prefácio Júlia Domingues

Disponível em:

EBOOK



Podcast

LIVROS A TRÊS

Livros, leituras e escrita

Analita Santos

Cláudia Passarinho

Inês Pinto



DISPONÍVEL NOS PRINCIPAIS AGREGADORES DE PODCAST.



Ouçá no
Google Podcasts

A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:

